

Stadium

Vai começar o Portugal-Irlanda! Cardoso e Carey trocam galhardetes na cerimónia tradicional, simples e simpática (Carey é o famoso jogador irlandês que capitaneou o Grupo do «Rosto da Europa» contra a Grã-Bretanha, no sábado passado). Pearce, o árbitro inglês, procederá em seguida à esco'ha do campo. E o *team* de Portugal pratica-á de aí a instantes, um futebol vivo, rápido, preciso, e de bom remate, arrancando em Dalymount Park uma g'oriosa vitória!



N.º 232

14 DE MAIO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Não há alterações na Tabela

Lisboa continua a afirmar-se a maior força do futebol português

Disputou-se mais uma jornada do Campeonato Nacional da Primeira Divisão, a número dezanove. Ainda faltam muitos domingos, sete certos, e apesar de estarem distribuídas as classificações (não poucas, provavelmente, as correcções a fazer ao que já está feito) mantém-se o interesse pela competição. Basta apenas um prato de bom paladar para o adepto considerar-se satisfeito, e vibrar intensamente.

Os resultados apurados na jornada foram os seguintes:

Sporting....	9	—	Elvas.....	1
Belenenses..	3	—	Vitória S....	2
Atlético....	5	—	Boavista....	0
Famalicão...	1	—	Benfica....	5
Porto.....	4	—	Académica..	2
Sanjoanense	1	—	Estoril.....	3
Olhanense..	0	—	Vitória G....	0

Os números não escandalizam! Talvez se possa dizer que a punição do Elvas foi excessiva, que o Belenenses passou com dificuldade o obstáculo, e que o Olhanense conseguiu um resultado pobre, mas, de um modo geral, trata-se de desfechos normais. Fora de sua casa, Benfica e Estoril venceram com mérito.

A Tabela dispõe-se da seguinte forma: Sporting 36 pontos, 18 vitórias e 1 derrota, 96 bolas contra 32; Benfica 30, 15 vitórias e 4 derrotas, 79-37; Estoril 23, 11 vitórias, 1 empate e 7 derrotas, 70-38; Belenenses 23, 10 vitórias, 3 empates e 6 derrotas, 47-24; Porto 22, 10 vitórias, 2 empates e 7 derrotas, 53-37; Atlético 20, 9 vitórias, 2 empates e 8 derrotas, 40-45; Vitória de Setúbal 17, 7 vitórias, 3 empates e 9 derrotas, 37-30; Olhanense 17, 7 vitórias, 3 empates e 9 derrotas, 39-57; Académica 16, 7 vitórias, 2 empates e 10 derrotas, 40-63; Vitória de Guimarães 16, 6 vitórias, 4 empates e 9 derrotas, 35-40; Elvas 15, 7 vitórias, 1 empate e 11 derrotas, 45-65; Boavista 14, 5 vitórias, 4 empates e 10 derrotas, 33-53; Famalicão 12, 5 vitórias, 2 empates e 12 derrotas, 43-74; Sanjoanense 5 pontos, 2 vitórias, 1 empate e 16 derrotas, 18 bolas contra 81.

A posição dos seis primeiros classificados não se alterou. Apenas aumentou a distância entre o Atlético e o Vitória de Setúbal, agora de três pontos. O Vitória de Guimarães igualou a Académica no 8.º posto. Os quatro últimos postos estão firmes. Pelo menos, por enquanto. Se o último lugar está definitivamente talhado, Sanjoanense é a vítima, a questão do penúltimo discute-se por ora, directamente, entre o Famalicão e Boavista, mas outros estão ainda muito interessados e não poderão dormir. Caso contrário, ao acordarem, ficarão surpreendidos.

Vitória leonina indiscutível

Sporting é um *team* de jogo e de fundo. Que, tecnicamente, dispõe de unidades aptas; que, no ponto de vista tático, sabe jogar; e que, como base, tem magnífica preparação física. A tarefa do Elvas era resistir enquanto pudesse, e tornar a vida do adversário o mais dura possível. Numa palavra, vendendo cara a derrota.

Enquanto houve fôlego, os jogadores de Elvas lutaram a fundo, organizando esquemas de jogo muito interessantes. A sua defesa não abriu clareiras, e o adversário teve dificuldades em passar. Por outro lado, o ataque despedia as suas flechas com vivacidade, de modo a obrigar os contrários a manobrar com atenção. O fecho do primeiro tempo dá, mesmo, a entender luta equilibrada.

No segundo tempo, a superioridade sportinguista acentuou-se. Não lhes faltava a respiração, e os elvenses não podiam deixar de acusar o toque de partida superior às suas forças... Os leões caíram a fundo e ganharam ascendente. Ao quarto *goal* fizeram-se sentir os efeitos devastadores. No último quarto de hora, o Sporting marcou cinco bolas, e isto diz tudo.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Marques, Canário, Barrosa, Veríssimo, Armando Ferreira, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Elvas — Semedo, Henriques, Oliveira, Toninho, Nunes, Rana, Morais, Massano, Rosário, Aleixo e Virgílio.

Árbitro — Cunha Pinto, de Setúbal.

Um bom vencido nas Selésias...

Vitória de Setúbal realizou um bom trabalho nas Selésias. A equipa, sem se intimidar com a classe do adversário, lutou com tenacidade e coragem por um bom resultado. Mais do que isso... Os setubalenses chegaram a estar na posição de vencedores, com duas bolas obtidas em lances fáceis e lineares. Sem dúvida, uma vantagem tão importante dá alento a qualquer equipa, e como que lhe duplica as forças.

E, noutro aspecto, não é fácil suplantar uma equipa que vence por 2-0. Ora, por isso mesmo, é justo salientar que, pela cabeça do Belenenses, nunca passou o desânimo e o *team* jogou, sempre, com a ideia de vencer, mesmo quando os fados lhe eram adversos. Ao ataque, com vivacidade e boa urdidura, a equipa conjugou os seus esforços — mostrando a articulação que tem por base a disciplina de movimentos. Os *goals* tardaram porque o remate

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

não esteve à altura do jogo desenvolvido, como, aliás, sucede geralmente na equipa belenense, mas isso é outro caso. Por sinal, a vitória de Belém originou-se numa jogada desgraçada de duas unidades de Setúbal. O futebol, todos o sabemos, tem os seus caprichos. Há que contar com eles, pois a sorte do jogo é mãe para uns e madrasta para outros...

Belenenses — Sério, Vasco, Feliciano, Amaro, Serafim, David, Andrade, Quarésima, Teixeira, Soeiro e Rafael.

Vitória de Setúbal — Baptista, Montês, Figueiredo, Soeiro, Pina, Pereira, Campos, Nunes, Viegas, Cardoso e Passos.

Árbitro — Mário Silva, de Leiria.

Justifica-se o triunfo Atlético!

Os desafios, quantas vezes!, apresentam duas caras, especialmente quando o chamado factor vento influi. De resto, trata-se dum inimigo difícil de dominar. Tão difícil que, por mais que se diga qual o processo a utilizar, não há forma dos jogadores o porem em prática — o que não abona as suas facultades técnicas.

No primeiro tempo, o Boavista exerceu domínio territorial. Não se ficando por aí, mostrando-se também um grupo ligado, de bom desenho, ainda que sem grande resistência física e poder de remate. Os atléticos opuseram-se com energia ao ataque inimigo, e as suas redes não foram violadas. Na segunda parte, tudo mudou. O Atlético fez duas bolas enquanto o Diabo esfrega um olho, e daí por diante foram amos e senhores em campo. Vingando-se do domínio dos contrários, com ofensivas bem delineadas, de pés para pés, e a bola a um palmo da relva. Os lisboetas puderam, desta maneira, chegar aos cinco-zero, inserendo no seu activo um bom triunfo.

Atlético — Correia, Baptista, Castro, Rosário, Lopes, Armindo, Manuel da Costa, Gregório, Amaral, Rogério e Marques.

Boavista — Carlos, Caiado III, Pereira, Ramos, Serafim, Raimundo, Zeca, Armando, Caiado II, Caiado I e Barros.

Árbitro — Contente de Sousa, de Santarém.

Benfica venceu facilmente...

Segue o Benfica a sua boa carreira na Prova, não se deixando surpreender. Os desafios fora de casa são sempre difíceis, mas os vermelhos apresentam-se cheios de moral. Numa primeira fase, houve a impressão de que o triunfo seria difícil, mas afinal o decorrer do encontro não confirmou o juízo. Os lisboetas venceram tranquilamente.

Sucedeu o que é de uso entre duas equipas de diferente nível e estilo: enquanto a mais fraca tem fôlego, bate-se com energia espantosa, como que a tentar dominar, por esse meio, a maior capacidade do adversário. Depois, tudo muda.

A equipa lisboeta acusou, na verdade, dificuldades na perforação do bloco defensivo do adversário, este, muito activo, duro e cheio de vontade. O ataque do Famalicão, pelo seu lado, deu-se também a tentativas de perforação. Logo, porém, que as ofensivas benfiquenses se desencadearam em massa, a defesa inimiga cedeu. Rogério, a interior (lugar do seu gosto!), orientava esse ataque com pericia. E os *goals* surgiram, e a moral do Famalicão deixou-se abalar.

Famalicão — Sinsão, Armando, Cerqueira, Costa, Szabo, Ferrão, Sampaio, Pires, Alvaro Pereira, Tellechea e Manita.

Benfica — Martins, Félix, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsenio, Baptista, Rogério e Claro.

Árbitro — Lima e Sá, do Porto.

Porto venceu...

A Académica costuma ser um grupo animoso, que se sabe bater, e que se bate com galhardia. Neste encontro do Lima, a equipa desmentiu, em parte, a tradição. Por ter jogado mal? — Principalmente porque, em muitos lances, não mostrou a vontade do costume, deixando correr o jogo e tornando mais fácil a vitória dos portuenses.

O Porto fez uma bela exibição no primeiro tempo, e ainda que o adversário não tivesse demonstrado fibra, não há dúvida que o grupo revelou força e coesão. Afirmando o conjunto que é básico nas equipas de categoria. Os seus ataques sucederam-se com frequência, e o trabalho inimigo foi, na sua essência, de ordem defensiva. Os três *goals* até o intervalo indicam alguma coisa, mas não é tudo.

A segunda parte esteve longe de ser a cópia da primeira. Porque os portuenses já tinham o triunfo assegurado, e em virtude dos estudantes terem acordado, o jogo ganhou em vivacidade e animação. A Académica fez várias perforações, em velocidade. O Porto, que tinha sabido atacar, também soube defender-se de modo a conservar a vitória nas unhas.

Porto — Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Sanfins, Araújo, Boavida, Freitas e Catolino.

Académica — Szabo, Mário Reis, Brás, Eduardo Santos, António Maria, Aristides, Melo, Pacheco Nobre, J. Santos, Azeredo e Bentes.

Árbitro — José Teixeira, de Braga.

Estoril venceu em S. João da Madeira

Naturalmente, o *team* do Estoril Praia, mais ordenado e eslejado de lutas, venceu a Sanjoanense, que, com ânimo, apesar do lugar que ocupa na Tabela, prossegue na sua carreira — procurando, e essa virtude não pode negar-se-lhe, fazer mais e melhor. O Estoril, com responsabilidade

Primeira vitória

fora de casa

O Lusitano de Vila Real obteve no domingo, em Montijo, uma vitória preciosa. Ganhando por 3-2, podem os Algarvios mostrar-se mais confiantes. Foi o grupo que primeiro ganhou fora de casa, e isto talvez indique boa disposição para futuro.

Despertou o jogo muito interesse no Montijo. Foi muita gente de Lisboa assistir, inclusive o seleccionador nacional e os drs. Facco Viana e Virgílio Paula, da Federação.

O jogo correspondeu à expectativa, no tocante a vivacidade e espírito de luta. A equipa de Montijo principiou o jogo com bom lançamento ofensivo e pertenceu-lhe o primeiro ponto da tarde. O Lusitano empatou já quando os locais tinham 2-0, resultado que não foi defendido convenientemente.

Na segunda parte, os Algarvios excederam os adversários em jogo prático, e o tento da vitória apareceu na altura em que bem o mereciam. E assim se classificou o Lusitano com vantagem perante os restantes, a despeito do Sporting de Braga haver ganho ao Oliveirense.

Este jogo, entretanto, realizou-se no campo do vencedor, o

que é importante nesta «poule» breve.

Os bracarenenses têm agora de sair para o Montijo e para Vila Real de Santo António, mas ninguém nos diz que dispostos a perder.

A sua exibição contra o Oliveirense agradou ao público, que compareceu em número extraordinário. De Oliveira de Azeméis também se deslocou muita gente, que não conseguiu, todavia, regressar satisfeita.

Na primeira parte conseguiu o Sporting de Braga 1-0, obra de Mário. Na 2.ª parte, de grande penalidade, conseguiu Daniel fixar o resultado em 2-0 — que se manteve até o fim da partida.

Os 4 grupos:
Onze Unidos — Braço-Forte; Anica e Pinto; Carreira, Cardoso e Soares; Aleixo, Vieira, Vital, Custódio e Caninhas.

Lusitano — Isaurindo; Mortá-gua e David; Camarada, Madeira e Caldeira; Almeida, Vasques, Angelino, Calvino e Germano.

Sporting de Braga — Salvador; Sobral e Velloso; Palmeira, Daniel e Joaquim; Barros, Máciel, Mário, Frederico e Cassiano.

Oliveirense — Teixeira, Henrique e Joaquim; Oliveira, Castro e Eurico; Santos, João, Simões, Piabo e Armando.

Os rapazes de Guimarães entraram no campo, afirmando logo nos primeiros lances: «Cá estamos para nos batermos com dendo até o último apito».

Manda a verdade que se diga que excederam, mesmo, os seus propósitos. Em certos períodos da partida, fizeram jogadas brilhantes, de entendimento e ligação, impondo-se no terreno. Sem dúvida, a defesa algarvia, em dia de infelicidade, não constituiu travão suficiente para as investidas minhotas. Mas a análise refere-se aos dados em campo. Os de Guimarães mostraram-se inferiores apenas no capítulo do remate, e a essa inferioridade se deve o empate.

No team olhanense reapareceu João da Palma, que se ressentiu no decorrer das suas lesões. Emquanto o team atacou, a sua movimentação pode dizer-se normal e sem falhas muito nítidas. Mas quando se deu à defesa, verificaram-se as suas fraquezas. Mesmo assim, o team algarvio teria vencido se aproveitasse uma, ao menos, das duas grandes penalidades que lhe couberam no favor do jogo.

Olhansense — Abraão, Rodrigues, Eminência, João dos Santos, Grazina, Loulé, Moreira, João da Palma, Cabrita, Salvador e Palmeiro.

Vitória de Guimarães — Machado, Garcia, José da Luz, José Maria, Curado, Teixeira, Alexandre, Rebelo, Brioso, Alcino e Franklim.

Arbitro — Luís Magalhães, de Lisboa.

J. Simão vence a meia-milha

A semana finda foi de actividade intensa para a natação lisboeta. Vários acontecimentos, de características bem diferentes, é certo, nos levam a fundamentar tal afirmação. De entre eles sobressai, sem dúvida, a prova da meia-milha disputada ao longo da muralha da Junqueira.

Durante várias épocas proclamámos abertamente nestas colunas a necessidade de se voltar ao Tejo. Sentimo-nos, pois, à vontade, para elogiar o actual critério do organismo dirigente da natação lisboeta. Voltar ao rio não significa voltar aos tempos antigos. Representa, antes, um dos muitos meios de propagandar uma modalidade que hoje, tal como há vinte anos, necessita de intensa propaganda.

Oito nadadores apenas — em representação de duas colectividades disputaram a prova, que proporcionou excelente vitória a Jeremias Simão, (8 m. 34,3 s.), confirmando, assim, a sua excelente «forma» actual, aliás já revelada na prova de 500 metros, de há duas semanas.

Belmiro Santos reapareceu, demonstrando não ter perdido as suas boas qualidades de «estilo» e ritmo. Foi o nadador regular de sempre, que obteve um segundo posto absolutamente merecido: (9 m. 17,6 s.).

Atrás, digamos, dos favoritos, Alvaro Parracho alcançou um interessante terceiro posto (9 m. 44,2 s.). E com estes três elementos, o Estoril-Praia triunfou por equipas com o mínimo de pontos.

Os campeonatos universitários

Poucos participantes — provas houve com um concorrente apenas — escassíssima assistência, organização deficiente.

Em evidência, aqueles elementos que nós já conhecemos nas fileiras clubistas e que, por coincidência, frequentam cursos superiores. Será isto desporto universitário?

Na primeira jornada, Pereira Bastos (Direito) averbou dois títulos: 400 metros-livres (6 m. 14,4 s.) e 100 metros-costas (1 m. 22 s.). Carlos Azevedo Júlio, não como representante do Estoril, mas como aluno da Faculdade de Ciências, foi o melhor nos 100 metros-bruços, em 1 m. 35,4 s.

Fernando Neves (Agronomia) venceu os 66 metros-livres, não filiados, em 55,9 s. E foi ainda a turma deste Instituto que correu sozinho os 4 x 100 metros-livres, em «tempo» muito fraco: 7 m. 40,5 s.

Na segunda ronda, Pereira Bastos averbou mais um título: os 100 metros-livres — 1 m. 21,6 s., prova a que também concorreu o seu companheiro de clube — e condiscipulo — Francisco Alves.

Luís Canhão e Joaquim Fava, ambos de Agronomia, venceram, respectivamente, os 66 metros-costas e os 66 metros-bruços.

Das estafetas, disputadas sem qualquer espécie de interesse e de de entusiasmo, encerraram o programa. Direito venceu os 3 x 100 metros-estilos. Agronomia os 7 x 33 metros-livres.

Abreu Torres

TOUROS no Campo Pequeno

Teve fraca entrada a corrida de domingo, no Campo Pequeno, com os dois de Sevilha — «Choni» e «Parrita» — mais razoável de preços que a de Diamantino, que teve uma enchente.

O 1.º touro, dos Irmãos Oliveira, como todos os da tarde, José Casimiro toureou-o com alegria, à maneira de Simão da Veiga, merecendo aplausos e dando a volta ao redondel com Procópio e António Matias, que pegou de caras.

2.º José Rosa Rodrigues toureia com seriedade, de frente e deixando-se ver, com boas tiras. A cada ferro correspondeu uma ovação e no final deu a volta com os forçados, que pegaram de cernelha.

3.º «Choni» lançava a «Verónica», prejudicado pelo vento, do qual se defende no sector 7, como pôde.

4.º «Parrita» vai também ao 7, mas o vento continua forte, e passa-se a bandarilhas. «Parrita» brinda ao público e dá uma série de estatuários por alto, depois em redondo, naturais e «Manoletinas» olhando o público. Ovação, e geral convicção do mérito do toureiro.

Após o intervalo, aparece José Casimiro numa égua, fina e bem arranjada, mas com o touro não houve arranjo. Palmas ao cavaleiro.

6.º José Rosa Rodrigues encontra-se com um touro difícil, que poderia ser toureado por dentro, à Simão da Veiga; mas o cavaleiro da Chamusa prefere aceitar as dificuldades, e esgota as possibilidades, merecendo aplausos.

7.º Não toma a capa de «Choni», nem a de «Parrita». O público mete-se com o toureiro de Valência, que se encoraja, tanto que é colhido e entra na enfermaria, apenas magado.

8.º E aqui foi Tróia! «Parrita», embecendo o nos voos suaves da capa, ouve as primeiras palmas de pura convicção. Brinda ao «Manoletista» sr. Caseiro e começa como «Manolete», parado e erguido, por alto, depois em redondo, fazendo o touro descrever o círculo. Ovação. Depois duas séries de bons naturais, girando sem se mover, rematados com o de peito. Ovação. A música começa tocando, facto inédito no Campo Pequeno durante a faina. «Manoletinas», olhando o público, já em delírio. E simula a morte com um «volapiés». Ovação grande.

A corrida acabou, e acabou bem, tão bem que o público se esquece de sair e só sabe aplaudir «Parrita», o sucessor de «Manolete».

Rogério Perez

des, não conseguiu uma boa exibição. Fez o suficiente para vencer, sem grandes alardes, e por aí se ficou. Jogando um pouco desconexamente, mesmo à base das suas figuras, ou melhores ou mais esforçadas.

A Sanjoanense deu luta sem tréguas, e cabe dizer que praticou jogo ligado e vistoso, em condições de pôr alerta a defesa adversária. Ao período de começo, de vantagem territorial dos lisboetas, respondeu numa reacção pletórica de energias, animando vivamente a partida. Na segunda parte prosseguiu na mesma feição, vindo depois, no decair, esgotadas as forças do team, a aceitar novamente a superioridade do adversário. O melhor remate do Estoril Praia ditou, afinal, a vitória.

Sanjoanense — Barbosa, Joaquim, Costa Leite, Santa Clara, Baptista, Silva, Parda, Rocha, David, Azevedo e Arlindo.

Estoril — Sebastião, Pereira, Alberto, Oliveira, Nunes, Fraga-teiro, Lourenço, Bravo, Osvaldo, Vieira e Lima.

Arbitro — Domingos Miranda, do Porto.

Empate em Olhão

Os Algarvios deviam ter, certamente, desejos de se desferrar no do que se passou em Guimarães, onde sofreram copiosa derrota. Mas uma coisa são os desejos, e outra a realidade.

HOCKEY em PATINS Principiam no sabado OS CAMPEONATOS do MUNDO e da EUROPA



Doas equipas portuguesas em dia de treino, vendo-se todos os elementos seleccionados para o campeonato da Europa e do Mundo



Uma fase animada do treino entre as equipas portuguesas



Ursula Wehrli (Suíça) Fernand Leemans (Bélgica), Gritly Müller (Suíça) e Karl Peter (Suíça), patinadores de alta categoria, que virão exhibir-se em Lisboa

DENTRO de três dias — no próximo sábado — começa a disputar-se o Campeonato do mundo de hóquei em patins e o 13.º Campeonato da Europa. Não só a importância destas provas, mas o facto da posição brilhantíssima que recentemente alcançamos, ganhando mercedamente a Taça das Nações em Montreux, a estes jogos deste Campeonato do Mundo está reservado em excepcional interesse. Belgica, Espanha, França, Inglaterra, Suíça vêm ao nosso país prontos a darem todo o rendimento, empregando-se a fundo pela conquista de um título que é honrossíssimo. Da



O par patinador belga, composto por Elvire Collin e Fernand Leemans, campeões nacionais (pares) e 2.ª classificados do campeonato da Europa.

mesma forma os nossos seleccionados vão defender entusiasticamente os seus méritos, impôr a sua grande vontade pelo triunfo que desde Montreux lhes sorri.

No decorrer de um dos últimos treinos no Pavilhão dos Desportos trocámos algumas impressões com o presidente da Federação Portuguesa de Patinagem, sr. capitão Santos Romão.

— Satisfeito com o Pavilhão dos Desportos?

— Está conseguida uma das aspirações da Federação de Patinagem. Resultará daqui um grande beneficio para as outras modalidades. Isto está magnifico. Indiscutivelmente é hoje um dos melhores rinks de patinagem.

Que pensa da nossa equipa?

— Estou certo que ela vai corresponder à situação honrosa que com valor e entusiasmo conquistou no Torneio das Nações. Todos estão de alma e coração dispostos a bem servir com a sua actuação o desporto nacional e o bom nome do nosso país. Eles bem sabem o lugar de responsabilidade que disfrutam e, se têm sido grandes lá fora querem no seu país dar a conhecer a sua competência.

Estamos a poucas horas de um acontecimento que jamais se esquecerá.

Portugal vai viver momentos de grande patriotismo e da maior alegria por ver unidos nesta bela Pátria representantes de nações que tanto admira. Pena é que sejam apenas 6 nações as que nos visitam. Mas este campeonato será um ponto de partida para podermos trazer ao nosso país, num futuro próximo, muitas mais nações.

Ainda tentámos a vinda da América do Norte, Africa do Sul,



Otto Mayer, chanceler do Comité Olimpico Internacional e Secretário da F. I. de Patinagem

Canadá e Argentina, mas foi impossível.

— Personalidades que nos visitam?

— Grupo numeroso de figuras do maior destaque no desporto internacional. Teremos ocasião de ver quanto se trabalha no nosso país a bem do desporto e apreciar o entusiasmo e vibração dos nossos desportistas.

— As equipas que nos visitam?

— Todas muito fortes. Vêm reforçados e devidamente preparados.

— Qual será a mais difficil?

— Díficeis todas. Os resultados de cada equipa no torneio das Nações bem demonstraram o valor de todas elas. Note-se que o último classificado fez optimos resultados.

— A patinagem artistica?

— Vai por certo despertar muito interesse. Entre os nossos praticantes da modalidade, especialmente, porque

lhes permitirá observar a técnica e o virtuosismo dos grandes especialistas que vêm a Portugal. Além disso permitirá que num futuro próximo os nossos patinadores e patinadoras possam demonstrar as qualidades, que de facto as possuem. Deve no entanto notar-se que o que fazem é à custa de grande esforço e a boa vontade de algumas pessoas que por amor ao desporto lhe tem dado a sua colaboração.

Precisamos deste contacto que vamos ter. Serão de grande proveito os ensinamentos que nos darão as brilhantes exibições dos campeões que nos visitam!

José Prazeres, des-

DIÁRIO DA VIAGEM À IRLANDA

Por TAVARES DA SILVA

Vamos contar a história da viagem da equipa nacional às terras da verde Irlanda. Não rebuscamos frases. Relato simples e vivo. Eis o seu mérito.

1 de Maio

De Lisboa a Bordéus gastámos 3 horas e 20 minutos. Ao meio dia e meia hora descrevimos um semicírculo no céu de Bordéus, e aterrámos docemente, vindo cá em baixo, já poisado, o avião que nos precedera e no qual viajavam o sr. capitão António Cardoso, o maçagista Manuel Marques, o empregado da Federação Rúben e os jogadores Azevedo, Cardoso, Jesus Correia, Travassos, Vasques, Guilhar, Araújo e António Bentes.

A viagem não fora agradável! O mau tempo, vento e chuva, açotara o avião, e nós sentíamos, dentro dele e no seu conchego,



No avião, Rogério e Amaro, lado a lado, seguem bem dispostos... No fundo, Capela dorme e no seu solto, magnífica forma de fazer a viagem

a nefasta influénciatempo. Os jogadores dormitavam — resistindo ao enjojo. Soubemos depois que, no outro avião, se tinha passado algo de semelhante.

A equipa B, dirigentes e jogadores, estava no aeródromo de Bordéus à nossa espera. Foi um convívio simpático de uma hora, da mais estreita confraternização. Os jogadores trocaram impressões da viagem, não deixando de falar um pouco de futebol.

A nossa paragem de Bordéus, no aeródromo, triste e sombrio, teve um momento de intensa emoção. Foi o caso que, cinco minutos depois da nossa chegada, surgiu no espaço um outro avião da carreira Lisboa-Londres, que, ao poisar, por avaria no trem de aterragem, bateu com a asa no solo, levantando uma nuvem de poeira que mais parecia fumo. Tocou-se a rebate, saiu um pronto-socorro, mas, felizmente, além do susto, os passageiros nada sofreram. Mas nós olhámos todos, significativamente, uns para os outros...

João de Brito e Augusto Silva deram-nos algumas novidades. Ainda nada estava resolvido acerca das substituições, e o jogo realizava-se no Estádio Municipal, pelas 15 horas.

As 13 e 30, o primeiro avião corria na pista de Bordéus, elevando-se, seguido, dez minutos depois, pelo nosso. Nos últimos abraços de despedida, as palavras são sempre as mesmas, mas nem os que ficam nem os que partem se cansam de repeti-las.

— Boa sorte em Dublin! — Boa sorte em Bordéus!

Com a partida de Bordéus deixámos para trás o mau tempo. O Sol aparece no seu esplendor, e deixa de haver frio. Mas um inglês que viaja connosco advertte-nos que, na Inglaterra, a temperatura é muito baixa. Já sobre a Mancha, por cima das nuvens, que se deslocam serenamente, o avião nem estremece... Agora, sim, a viagem é muito agradável.

As 17 e 40, precedidos do outro avião, estamos em Londres. Ainda no aeroporto, em Northolt, a BBC, que fez deslocar o seu pessoal técnico, e o locutor Ribeiro de Carvalho, recolheu as impressões dos jogadores. Daí a pouco estamos no hotel. Ao primeiro golpe de vista, ficámos mal impressionados. Depois habituámo-nos. Um pequenino passeio fecha um dia fatigante.

Na Praça de Trafalgar, dois leões, de pedra, enormes, decoram a estátua do grande almirante Nelson. Logo Cardoso comenta: *Estes leões destinam-se à nova sede do Sporting...*

As 23 horas — tudo dorme. O maçagista Manuel Marques fez a sua ronda habitual. Diz-nos que Azevedo, magoado nos dedos, por efeitos do último treino,



As «steweress», muito solícitas e amáveis, são anjos que percorrem destemidamente o céu, em todas as direcções... Que o digem os rapazes!

e Capela, com enterse num pé, devido ao encontro de Elvas, estão melhores.

2 de Maio

Seguimos para a Irlanda também em dois grupos. O primeiro, formado pelo sr. engenheiro Mascarenhas de Meneses, dr. António José de Melo, nós, e pelos jogadores Capela, Feliciano,



Um grupo de jogadores à porta do Fourt Courts Hotel, em Dublin, no sábado, vésperas do encontro. No primeiro plano: Capela, Rogério e Feliciano. De pé: Francisco Ferreira, Moreira, Amaro e Serafim

Amaro, Serafim, Francisco Ferreira, Moreira e Rogério, seguiu viagem às 10 e 15; o outro, com os restantes elementos, às 11 e 30.

Erguemo-nos cedo, e, no aeródromo de Northolt, demorámo-nos um pouco. Faz frio, e como Feliciano não trouxe a gabardine, os outros brincam: — O' Feliciano! E' um calor que até dá gosto...

Feliciano não dá parte de fraco. Enchendo o peito de ar, afirma que não tem frio!

Uma simpática empregada do aeródromo dirige-se ao Amaro por causa do passaporte: — Mister Amaro...

Ele comenta: — Mister! Julgá-me treinador de futebol!

Viagem normal. E' um galope no ar. Apenas duas horas, cortando um nevoeiro cerrado, e aterrámos sem novidade. Por fim, estamos em Dublin. Peyroteo aguarda-nos no aeroporto, e também vemos Cândido de Oliveira e Ricardo Ornelas.

O primeiro almoço em Dublin deixa todos um pouco decepcionados. Mas o jantar melhora muito, graças às providências tomadas. À noite, vamos ao teatro, uma grande sala, de cinema e variedades, e recolhemos cedo.

3 de Maio

Havíamos resolvido fazer um galope em Dalymount Park, o campo onde se disputará o encontro. Mas o dia surgiu tempestuoso. Chove, faz frio e há vento. Portanto, desistimos.

Todos os jogadores fazem honra ao almoço: bacalhau com batatas, que trouxemos de Portugal, regado com o nosso azeite. A leitura dos jornais traz algumas coisas curiosas. Por exemplo, publica-se uma fotografia na qual se vê o sr. capitão António Cardoso a dar açúcar para o café do jogador sportingista do mesmo nome. E a legenda é a seguinte: Capitão António Cardoso dá de comer a seu filho, Alvaro Cardoso, capitão do team português.

Todos nos rimos com a graça... Fomos esta tarde a Dalymount Park ver o encontro das selecções de Dublin e Belfast. Venceu a última por 3-1, tendo feito na primeira parte 2-0. O objectivo era acostumar os portugueses ao público, e apesar do campo registar fraca assistência, todos apreciámos a vibração, e temos de contar com o entusiasmo...

O jogo interessou pouco. Belfast mostrou-se superior. Nitidamente mais lento do que o nosso, todos os jogadores revelam, no entanto, sentido de futebol, procurando passar a bola com precisão e para o sítio próprio. Rogério divertiu-se muito; viu pouco do jogo, mas falou muito com os galatos que o rodeavam.

No cair da tarde, os ares escurecem-se. Volta a chuva e o vento, e vem-nos à memória o último encontro Portugal-Suíça... Que se irá passar amanhã?

Estamos todos preocupadíssimos por nada sabermos do encontro de Bordéus. Chega-nos, entretanto, a notícia de que a França acaba de perder com a Inglaterra por 3-0, e o resultado não se nos afigura escandaloso.

Surgiu, entretanto, uma pequenina questão, tempestade num



Em Dalymount Park, no desfecho Dublin-Belfast, Rogério passou todo o tempo a conversar com estes ladinos galatos. Rogério falava português, eles inglês, mas entendiam-se...

copo de água, pois os irlandeses pretendem que usemos números, à maneira inglesa, nas costas das camisolas. Hoje, por exemplo, em Dalymount, todos jogaram sem número...

Resolvemos a questão — diplomáticamente. O sr. engenheiro Mascarenhas de Meneses encarregou-se da missão e desempenhou-se dela com a maior delicadeza. Nada de números!

Depois do jantar, reunimo-nos todos numa dependência do hotel. Nós e os jogadores, assistindo também o sr. engenheiro Mascarenhas de Meneses e o maçagista Manuel Marques. Demos — e fazemo-lo sempre um pouco emocionadamente — as últimas recomendações referentes à partida. Quer no aspecto extra-técnico quer na ordem técnica, traçámos e resumimos, mais uma vez, na sua generalidade, pontos que vimos debatendo há relativamente bastante tempo. Focámos ainda alguns detalhes fundamentais, não esquecendo que os pormenores constroem vitórias e fabricam derrotas...

Alvaro Cardoso, capitão, disse também breves palavras aos seus companheiros de luta.

Já deitados, cerca da meia noite, Ricardo Ornelas leva-nos a notícia de que perdemos em Bordéus por 4-2. Comentámos de nós para nós que o resultado, tratando-se de jogadores estreantes e que pela primeira vez se deslocam ao estrangeiro, afirma capacidade de jogo.

Mais tarde recebemos de Bordéus, subscrito por João de Brito, o seguinte telegrama: «Perdemos 4-2, merecendo realmente empate 3-3. Grande reacção toda equipa após 0-4. Melhores jogadores três médios. Albano quando interior e Patalino, que entrou por lesão verdadeira de Júlio. Arbitragem não favorável, com quarto golo francês nitida deslocação. Abraços e felicitações.

4 de Maio

Os rapazes aparecem esta manhã com outra cara. É a aproximação do jogo que faz a mutação. Todos ficam contentes com as novas de Bordéus. As 11 e 30 estamos à mesa, no almoço. Há menos ruído que habitualmente. Já todos trataram das suas botas. Partimos às 14 horas para o campo, e passamos os costumados minutos de tormento no vestiário. O árbitro vem à cabina dizer-nos que chegou a hora. Trocámos meia dúzia de palavras apressadas, e, apurados, os nossos rapazes entram em campo. Cada grupo vai para o seu terreno, e, ao toque dos hinos nacionais, os jogadores põem-se em sentido no sítio em que se encontram. Escolhemos a favor do vento — fiéis ao princípio de que candeia que vai à frente alumia duas vezes...

Juntamente com os suplentes, deitámo-nos na relva. Cada rapaz — alma grande. Cá de fora, cada um conforme o seu temperamento, vibra e exalta-se. Todos estão concordes em que custa mais ver do que jogar. Capela, Guilhar, Serafim, Vasques e Bentes não perderam um pormenor, e de quando em vez gritavam um conselho — que os outros, evidentemente, não ouviam...

De uma vez, quando um irlandês quis propositadamente ma-

goar o nosso guarda-redes, Serafim não se conteve:

— Ah! Malandro! Se magoas o Azevedo, vou-me já a ti...

Enfim, acabou a partida e regressámos à cabina. As explosões de alegria foram prolongadas. Uma grande emoção como que nos paralisava o coração. Alguns choravam de alegria. Quebrara-se



Jesus Correia e Araújo assistem a uma partida de futebol em Dublin. Por sinal, neste momento, olham para o baliza em que deviam marcar, no dia seguinte, os «goals» de Portugal...

o enguiço no estrangeiro. O Sr. Ministro de Portugal, o nosso cônsul em Londres, e outros portugueses visitaram-nos, saudando. Cândido de Oliveira também esteve connosco, nos seus abraços de satisfação. Um dos seleccionadores assim como um dirigente da Federação Irlandesa vieram dizer-nos que ganhara o melhor team. O árbitro inglês não quis partir sem se despedir de nós, dizendo que temos um grupo que se pode apresentar em qualquer parte.

Da cabina aos automóveis demorámos muito tempo. Dezenas de rapazes e algumas lindas raparigas rodeavam os jogadores pedindo-lhes autógrafos, sendo Azevedo o mais apouquentado.

O banquete oficial, a que não assistimos por afazeres de reportagem, começou às 19 horas no melhor hotel da cidade e ameaçava não mais acabar... Discursos numerosos e infundáveis. Os jogadores escaparam-se à sucapa. O sr. engenheiro Mascarenhas de Meneses, em inglês, pronunciou um discurso que foi escutado com muito agrado. Um verdadeiro «gentleman»!

Nós ficámos no hotel «Four Courts» a trabalhar, e verificámos que todos os rapazes recolheram cedo. Ao dizer-lhes que a noite era de alegria, obtivemos de alguns a resposta, como explicação da temperança, de que não sabiam inglês... O primeiro telegrama de felicitações que nos chega é do dr. Barreira de Campos.

5 de Maio

Cedo ainda, a animação é grande nos quartos do «Four Courts Hotel». Fala-se do jogo, do que se passou dentro do campo, e os comentários da rapaziada têm sempre qualquer coisa de pitoresco e gracioso.

O dr. Mário de Oliveira, de Bordéus, envia-nos o seguinte telegrama: «Entusiasmados grande vitória equipa A componentes equipa B felicitam vivamente directores e seleccionador; Canário felicita Cardoso».

Um grupo de bons amigos, aqueles que estão sempre connosco, assinando *Team de Cais Sodré* diz-nos telegraficamente: «Também vencemos fora de casa». António Nogueira, o chamado «brigadeiro», sempre tão dedicado, também não nos esquece: «Abraço comovidamente a rapaziada; estágio Venda Pinheiro nunca perdemos; Viva Portugal!»

Carlos Rebelo da Silva, o nosso camarada do «Diário de Notícias», também nos manda um abraço amigo.

Barrigana mandou um telegrama a Azevedo, felicitando-o. Belo gesto de camaradagem.

Os rapazes, enfim, libertos de preocupações, espalham-se pela cidade e invadem tudo, perseguidos pela curiosidade da população. Chovem os pedidos de autógrafos, espécie de mania colectiva...

Ao almoço comparece tudo, talvez para gozar a melhoria que introduzimos na refeição. Cerca das 16 horas encontramos-nos todos num chá oferecido pelo cônsul de Portugal em Dublin, o Sr. Kenny, um irlandês, velhote, simpático e afável, que nos tratou muito bem dizendo no seu discurso: «Eu estava no «match» numa situação embaraçosa; como irlandês, queria que venesse a Irlanda, como cônsul de Portugal (que sou há dez anos), desejava a vitória dos portugueses. Portanto, em qualquer hipótese — ficaria satisfeito».

Depois do chá fomos às corridas de cavalos, as maiores do ano, num campo nos arredores de Dublin, a meia hora de autocarro. Chuvicava. Devia lá encontrar-se a alta sociedade irlandesa. Pela primeira e última vez vimos algumas *toilettes* de senhora muito elegantes. Quase todos, dirigentes e jogadores, arrisámos nas apostas algum dinheiro. Uns foram felizes, outros não. Prejuízos pequenos.

Cândido de Oliveira, Ricardo Ornelas, Francisco Ferreira, Amaro e Moreira foram ver um desafio de futebol entre dois clubes, um de Cork e outro de Belfast a Dalymount.

Depois do jantar — ninguém saiu. Amanhã é preciso erguer cedo. Durante a manhã e algum tempo da tarde — todos procuraram uma recordação para a família. Não se julgue ser uma tarefa



A saída de Câmara Municipal de Dublin, onde fomos recebidos, um grupo de dirigentes portugueses e irlandeses acompanhados de alguns jogadores

isenta de dificuldades. O que há é caro, e não se encontra nada de característico. Todavia, o nosso capitão António Cardoso fez uma grande descoberta: toalhas magníficas e baratas. Pois a rapaziada caiu lá na casa das toalhas e esgotou-se o *stock*. Quando ele lá foi, pela segunda vez, para comprar, já não havia nada...

6 de Maio

Deixámos Dublin manhã cedo. A caminho de Londres. O primeiro grupo, dr. Melo, Capela, Guilhar, Francisco Ferreira, Moreira, Rogério, Araújo, Bentes, Vasques e Serafim, toma o primeiro avião. No segundo viajam o capitão António Cardoso, engenheiro Mascarenhas de Meneses, Azevedo, Cardoso, Feliciano, Jesus Correia, Travassos e nós. No



No fim do encontro, ao deixar o campo e quando se encaminhava para o automóvel, Azevedo gastou no percurso, de vinte metros, mais de um quarto de hora, atendendo os pedidos de autógrafos

terceiro seguirão Amaro, o maçagista Marques e Rubene.

No aeródromo, Jesus Correia anda de um lado para o outro. — Que fazes? — dizem-lhe.

— Procuo um empregado que, ao chegarmos, teimava em que perdíamos por três bolas. Sempre queria agora ver a *cachola do bicho*...

Azevedo não larga a bola com que se jogou o encontro. Quando o árbitro apitou, ele disse para Francisco Ferreira, o jogador que a tinha: — Passa!

...E ficou com a bola da primeira vitória no estrangeiro.

O tempo melhorou, e Dublin refloresce num dia primaveril. Voltamos a adiantar de uma hora o nosso relógio. Chegámos cerca do meio dia a Londres. Instalámo-nos no mesmo hotel da ida. Almoço deficiente.

Com o dr. António Melo, os jogadores vão visitar Wembley — e ficam embaçados com a ordem e grandza do campo em que se disputa tradicionalmente a Taça de Inglaterra. A pista de gelo de Wembley deslumbra-os. Mas chegam cedo ao hotel. As 17 horas já estão recolhidos, pois o empregado da «Wagon Lit» também tem o seu horário, e não quer ultrapassá-lo — talvez com medo dos fiscais do trabalho.

(Continua na página 12)

BENFICA, 5 — FAMILICÃO, 1



...el Renkewitz, presidente da Federação Internacional

viando um pouco a sua atenção do treino que decorria, disse-nos:

— Estou certo de que tudo há-de correr por forma a honrar o desporto nacional. Quanto à equipa tenho a consciência do valor dos nossos jogadores. Portugal neste campeonato do Mundo manterá por certo posição honrosa.

Dentro de poucos dias o Campeonato do Mundo de oquei em patins vai dar começo à série magnífica de competições de desporto internacional que neste ano das comemorações centenárias teremos em Lisboa. O desporto nacional está em festa e receberá as honras que de facto merece.

A nossa Revista, entretanto, acompanhará esta competição com o melhor entusiasmo. Jorge Monteiro tomará a seu cargo a reportagem com a sua habitual competência de crítico que muito se tem devotado à causa da modalidade.

Fernando Sá



...na Baptista e Edit Cruz, que tomam parte no torneio de patinagem artística



Martins, guarda-rede benfiquista, devolve a soco uma bola perigosa, em Famicão



Um avançado famalicense pretende romper. Mas Fernandes, bem colocado, não o consente

ESTORIL, 3 - SANJOANENSE, 1



O defesa estorilense Alberto intercepta uma avançada do Sanjoanense com absoluto êxito

PORTO-ACADÉMICA em Juniores



Os juniores da Académica e do F. C. do Porto jogaram três encontros para decidir o vencedor. Eis uma fase do encontro: defesa apertada do guarda-rede portuense

O 2.º PORTUGAL-ESPANHA em Basquetebol

Disputa-se hoje em Madrid o encontro de basquetebol Espanha-Portugal. O encontro está a despertar curiosidade no país vizinho, aguardando os entusiastas dos dois lados uma partida emocionante. O conjunto português, como se diz na secção respectiva, foi cuidadosamente preparado, mas é sabido que o basquetebol espanhol possui categoria. O que se passará? Logo à noite algumas notícias chegarão até nós. Seja como for, oxalá a modalidade seja prestigiada convenientemente pelos dois grupos peninsulares



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

FUTEBOL

EM INGLATERRA

O *match* mais importante da semana é, sem dúvida, aquele que põe frente a frente o *team* da Grã-Bretanha e o do Resto da Europa, pois embora tais desafios mereçam severas críticas, levantam igualmente forte entusiasmo.

A' hora em que estas linhas vêm a lume já o resultado se conhece, mas não sucede o mesmo no momento em que escrevemos. O grupo continental provável tem a seguinte constituição: Da Rui (francês); Gygger e Steffen (suíços); Carey (irlandês); Parola e Dudl (checos); Lambrechts (belga); Wilkes (holandês); Nordhal, Hansen e Brest (suecos).

A Grã-Bretanha alinhará com Swift; Hardwick e Hughes; Macaulay, Vernon e Burgess; Matthews, Mannion, Lawton, Steele e Liddell.

E' muito comentada a ausência de Carter, interior, e de Doherty, ambos do Derby County.

Entretanto disputaram-se dois desafios importantes: entre a Liga Inglesa e a Liga do Eire e entre a Liga Escocesa e a Liga da Irlanda do Norte.

A equipa inglesa era uma selecção B da Inglaterra e ganhou por 3-1, revelando muito mais vantagem que os números traduzem.

A vitória dos escoceses sobre os irlandeses do Norte foi folgada — 7 bolas a 4 — mas no final da primeira parte havia um empate de 3 a 3.

A vitória alcançada pela selecção A da Inglaterra sobre a França, por 3-0, causou grande consternação entre os vencidos e muitos protestos na Inglaterra, que se queixou da dureza dos visitantes.

As quatro jornadas do fim do campeonato divisionário da Liga, o Wolverhampton perdeu um ponto com Portsmouth, mas manteve a sua posição de condutor na 1.ª Divisão.

Em seguida vêm o Stoke City, a um ponto de distância, mas com um jogo a mais, e o Manchester United, que perdeu com Liverpool, ficando em situação difícil para ganhar a prova. São estes os quatro clubes favoritos.

A luta entre o Birmingham e o Burnley prossegue muito acesa para conquistar o primeiro posto da 2.ª Divisão. O vencedor será um deles, pois que o Birmingham está a cinco e dois pontos deles e tem mais três jogos que qualquer outro.

NOTA DA SEMANA

O movimento que os bandidos norte-americanos procuram efectuar sobre os desportos mais em voga nos Estados Unidos, com o fim de explorarem essas actividades e a paixão popular pelas apostas, foi recentemente neutralizado.

As autoridades resolveram pôr cobro a mais outra tentativa de gangsterismo e de júlar, quem procure combinar com antecipaço o resultado de um desafio será punido com a pena de 5 anos de penitenciaría. Os desportistas que não denunciarem logo as tentativas de suborno serão irriadiados para sempre da comunidade.

O tribunal ditou há poucos dias a sentença contra os indivíduos que tentaram «arranjar» o resultado do desafio de baseball entre o grupo Gigantes, de Nova York, e os Ursos, de Chicago. Com igual energia se estão reprimindo outras façanhas similares no campo do basquetebol e do boxe.

Leo Durocher, famoso manager do clube de Brooklin, não escapou à vaga de purificação iniciada. O tribunal condenou-o a um ano de suspensão, por irregularidades de sentido moral cujo aspecto é estritamente privado, e tal medida produziu enorme surpresa.

Estes factos vêm mostrar, mais uma vez, a necessidade de pôr cobro a tudo quanto deslustre o desporto e o transforme em negócio escuro, irregular e ilegal.

Felizmente que entre nós se não chegou a tal ponto, mas coném ir sublinhando os actos de repressão postos em prática no estrangeiro, para aviso cauteloso dos sinteressados.

R. B.

BASQUETEBOL

O Campeonato da Europa

O campeonato europeu de basquetebol, disputado em Praga, terminou pela vitória da Rússia sobre a Checoslováquia, os dois países finalistas dos agrupamentos constituídos para a última volta.

Concorriam, além daqueles, a França, Bélgica, Hungria, Egipto, Polónia e Bulgária.

Os checos venceram os húngaros (52-48), os franceses (32-22) e os belgas (32-29), enquanto que os russos derrotaram os búlgaros (55-23), os egípcios (46-32) e os polacos.

A Bélgica foi o herói do torneio, mas a Rússia demonstrou enorme superioridade sobre todos os outros concorrentes.

O próximo campeonato (1948) efectuar-se-á em Moscovo.

TÉNIS

A Taça Davis

Começou a disputar-se na zona europeia a primeira volta deste famoso torneio amador de ténis.

A Espanha foi eliminada pelo

BOXE

NA EUROPA

O campeão de Espanha dos «levisimos» e «semi-leves», Luis Romero, revalidou os direitos ao segundo destes títulos vencendo António Fenay por fora-de-combate ao 3.º assalto.

A luta travou-se em Barcelona.

◆ Inácio Ara e Luis de Santiago, dois destacados jogadores espanhóis, esperam seguir para Manila (Filipinas), onde os aguardam vários combates. Sendo assim, o *match* entre Ara e Arceniga, para o título dos «semi-pesados», será adiado indefinidamente.

◆ Cerdan, agora em Paris, conta pôr o seu título em jogo em face do inglês Vince Hawkins, numa data muito breve. Caso o combate não possa efectuar-se, partirá antes de 30 do corrente para os Estados Unidos, onde várias propostas tentadoras o atraem.

◆ Em Manchester, Peter Kane venceu por pontos o jogador belga Joe Cornelis, que substituiu o francês Teo Medina, lesionado oportunamente.

EM FRANÇA

Realizou-se em Johannesburgo o projectado combate entre Freddie Mills, campeão de Inglaterra e da Europa dos «semi-pesados», e Nick Wolmarans, detentor do título sul-africano.

Ao quinto assalto, o europeu adormecia o adversário pela conta de dez.



A vitória do Charlton-Athletic no Estádio de Wembley foi presenciada por dezenas de milhares de pessoas, pelos Duques de Gloucester, pelo Primeiro Ministro e outros membros do Governo Inglês. A fotografia mostra-nos Don Welsh, capitão do grupo vitorioso, aclamado pelos seus companheiros depois de haver recebido a famosa Taça de Associação de Futebol, que lhe fora entregue pelo Duque de Gloucester

Egipto; a Suécia perdeu com a Checoslováquia, tendo brilhado a grande altura o famoso Drobny; a Bélgica derrotou o Luxemburgo e a Suíça ganhou à Grécia.

Ficaram isentos nesta primeira volta 12 países, entre os quais a França.

Stadium

Desde o n.º 1, 2.ª Série, cada exemplar, 2\$50

Stadium

Há resposta
para tudo...

P. 470. — Li que nunca vencemos lá fora. Então não ganhámos em Amesterdão? (Um velho de Lisboa).

R. 470 — Deve haver engano. *Leu, com certeza, que nunca vencemos no campo do adversário — o que não é a mesma coisa. Repare bem: Amesterdão era «campo neutro». Mas quebrou-se o «enguiço» no domingo, em Dublin. Repare que desapareceram dois «enguiços» esta época. O do Portugal-Espanha era um deles...*

Entretanto — o nosso futebol é zero! Dizem, mas nós não acreditamos. Os desmentidos não aparecendo a pouco e pouco. Devoagar — mas lá chegaremos...

P. 471 — Quando se trata de elevar bem alto o nome de Portugal, temos de pôr de parte qualquer ideia ciuibista. Assim, e ao verificar a escolha dos elementos representativos das Selecções Nacionais A e B, fiquei admirado de Angelo Teixeira, ex-componente da Associação Académica, não ter, sequer, sido convocado para um treino, quando, na verdade, e na opinião de críticos na verdadeira acepção da palavra, se encontra em plena forma. Porquê? Por não jogar na Académica, num grupo da 1.ª Divisão? Não terá Angelo categoria necessária, quando, ainda, na época passada, fazia lembrar o velho Mourão, segundo os críticos? (De um académico de Coimbra).

R. 471 — Trata-se de um jogador de categoria. Evidentemente, o que se passa relativamente a Angelo Teixeira sucede quanto a outros...

P. 472 — Se o avançado-centro da Seleção Nacional, Peyroteo, não pudesse der, por qualquer motivo, o seu concurso à linha dianteira da referida selecção, qual seria o seu substituto? Jesus Correia, ou Patalino? (De um tripeiro de Melgaço).

R. 472 — Talvez Patalino fosse o preferido depois da afirmação de Bordéus. Mesmo porque Jesus Correia é indispensável a extremo-direito.

P. 473 — Em virtude de ter havido aqui uma aposta, cuja importância não é nada de desprezar, pedia a fineza de me dizerem qual a idade de Grazina, médio-centro do Olhanense? (De M. B. F. de Salvaterra de Magos).

R. 473 — Grazina completará 37 anos em Agosto próximo. Mas tem mais energia do que muitos novos.

P. 474 — Qual dos dois médios: Veríssimo (do Sporting) ou Joaquim (do Porto) é o melhor? A Oliveirense concorrerá à Taça de Portugal? (De J. P. L., de Viseu).

R. 474 — Valores do mesmo nível. A Taça de Portugal não se disputa esta época.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

APONTAMENTOS do Portugal-Irlanda

CURIOSIDADES

Antes de começar o encontro de Dublin, o árbitro inglês Pearce veio à cabina dos portugueses ler das substituições: o guarda-redes em todo o tempo, e dois jogadores até ao intervalo. Acrescentando: — Em caso de lesão, é claro...

Alguém observou: — As lesões aparecem sempre que se quer... Pearce sorria!

O país visitado é que apresenta a bola do jogo. Mas a equipa portuguesa entra em campo com a bola que levava de Portugal. Em certo momento, tendo desaparecido a que jogava, foi posta em campo uma outra, que era, precisamente, a nossa. Por sinal, a bola portuguesa era... inglesa.

Um adepto, inglês, que se deslocara de Londres a Dublin para ver o encontro, afirmava no fim que o Portugal-Inglaterra seria um jogo difícil para o seu país, mas que os ingleses venceriam. Disse que Lawton dá saltos formidáveis, e mete cabeças de cima para baixo impossíveis de defender. A verdade, porém, é que Feliciano também não salta mal...

Vários críticos irlandeses falavam de Jesus Correia, como o homem de asas nos pés. O ponta-direita da Seleção, na verdade, voou por as balizas, e atirou às redes algumas bombas. Uma delas explodiu e fez um barulho dos diabos!

Uma jornalista irlandesa pediu a um dos membros da coravana para lhe trazer um casal de sellers para o Mortinho de Oliveira. Mas nunca mais apareceu com os cães. Concluímos que ela só os ofereceria se a Irlanda vencesse...

Os dirigentes irlandeses, disse-nos uma pessoa, foram mais amáveis com os portugueses do que com os espanhóis. Consequência da forma como os portugueses os trataram em Lisboa, a quando da nossa vitória dos 3-1.

A providência do bacalhão servia a equipa às mil maravilhas. Por lá a comida não é abundante, e ainda por cima cozinhada de forma a que não estamos habituados. Fizeram-se três refeições com bacalhão temperado com azeite português — e foram as melhores refeições!

Não é só em Portugal que há a mania dos discursos. Na Irlanda ainda é pior... Quase todos os convidados de honra ao banquete oficial discursaram. Calcule-se o tormento dos jogadores, que, além de tudo, não percebiam nada do que se dizia. Quando o último orador acabou de falar — quase que só estava ele na sala.....

Os irlandeses ofereceram botões de punho, bonitos, por sinal, aos jogadores, e taças aos dirigentes.

Alguns dirigentes irlandeses ficaram verdadeiramente decepcionados. Outros não. Aceitaram o as coisas como elas são. Por exemplo, o tesoureiro da Federação Irlandesa, uma simpática pessoa, que já veio a Lisboa, felicitou-nos com sinceridade. Pelo menos, aparentemente. Mas o presidente da Federação parecia ter engolido um marmelo cru...

O secretário da Federação Escocesa esteve em Dublin, e manifestou no fim o desejo de jogar contra Portugal na próxima época.

A Irlanda mostrou também o maior dos interesses pela sua visita a Portugal. Como se verifica, todos querem jogar conosco...

Azevedo defendeu magistralmente! Às vezes, depois de executar as defesas, sorria para o inimigo, e este lançava-lhe um olhar de ódio, assim como quem diz: — Ainda tens o descaramento de troçar?

Dois portugueses, Manuel Garcia e Bessone Basto (não confundir com o nadador) deslocaram-se propositadamente à Irlanda para verem o match. Ao menos, não perderam o tempo.

Em Dublin, Azevedo e Cardoso tiveram demoras de bola muito úteis.

O árbitro Pearce deve ter dado mais um minuto de jogo na segunda parte, para compensação de tempo perdido.

Cardoso projectou Eglinton para fora de campo com uma carga legal, caindo o irlandês para cima de Serafim.

Azevedo levou um pontapé na orelha do avançado-centro Walsh, e sofreu uma carga deslealíssima de O'Flanagan.

O'Flanagan agradou aos irlandeses, mas Francisco Ferreira chegou para ele...

Marcaram-se muitos cantos de um lado e de outro.

Feliciano protestou algumas vezes contra as decisões de Pearce.

Moreira, na primeira parte, acorrendo à defesa, salvou um goal certo.

Amaro, no segundo tempo, teve um golpe de cabeça formidável, junto às redes. Mas Azevedo devia defender...

CORRE QUE...

A Comissão Central de Árbitros sofrerá brevemente modificações.

Fala-se numa reorganização oficial do futebol português: campeonatos infantis, dos 12 aos 14 anos; e juniores, dos 15 aos 17.

Barrigona recebeu propostas para mudar de clube, e tudo depende do encaminhamento das coisas.

O treinador Szabo mandou para Londres ao «manager» Georges Alison, do Arsenal, duas garrafas de «Porto» velho.

A Seleção B, que tão bem se comportou em Bordéus, vai ter um prémio.

Nada mais justo.



Azevedo executou defesas maravilhosas. Um dos heróis de Dublin! Veja-se a desenvoltura, agilidade e correcção com que Azevedo se lançou, no ar, a devolver com os punhos uma bola difícil e tornando impossível a intervenção de Stevenson, já apoquentado por Cardoso

Confrontando-se esta fotografia com a que se encontra (em cima) vê-se que o golpe acrobático de Azevedo já foi desferido e que passou o perigo. Stevenson não pôde intervir. Amato recolherá a bola, dando o devido seguimento ao jogo.



O primeiro remate perigoso da Irlanda foi defendido da forma que este documento revela! Os irlandeses ainda chegaram a requerer goal, mas estavam fora da verdade



Uma fotografia plena de movimento, viva e animada! Azevedo saiu das redes e conseguiu despachar a sóco, enquanto Feliciano travava luta com Walsh, e Francisco Ferreira cobria com atenção outro jogador. Segundo os bons cânones, Cardoso e Amato protegem as balizas, desertas, pela saída oportuna de Azevedo, em cima do risco de gol!

Vencemos os IRLANDESES na IRLANDA

Os portugueses defenderam-se como leões na segunda parte! Quando um irlandês tentava perfurar na área perigosa encontrava quase sempre, obstinadamente, mais do que um jogador português... E Azevedo defendia!



As mãos de Azevedo como que atraem a bola, à semelhança dos imanes! Walsh, apesar de perseguido por Feliciano, saltou bem, mas sem resultados práticos



Moreira em acção! O médio-centro nacional, uma das grandes vedetas do encontro, também auxiliou eficazmente a defesa, destruindo vários dos golpes inimigos, como este, uma combinação entre Eglinton e Stevenson...



O presidente De Valera recebeu nas vésperas do encontro os dirigentes e jogadores portugueses, conversando durante algum tempo com os primeiros. Ao seu lado direito encontram-se os srs. eng. Mascarenhas de Menezes e dr. António José de Melo, e à esquerda o sr. capitão António Cardoso

(Continuação da página 6)

Quando chegámos caía uma chuva miudinha, que logo passou, para Londres nos dar um tempo magnífico, um dia primaveril, sem calor nem frio. Por Regent e Oxford Street perdemos-nos um pouco no nosso costumeado passatempo de ver montras.

Depois do jantar — e como nos soube uma posta de bacalhau! — alguns dos jogadores não saem; outros divertem-se um pouco num dancing enorme, para centenas de pares, recolhendo antes da meia noite.

7 de Maio

7 horas. O bando que vai partir senta-se à mesa do hotel a tomar o café com leite. Todos foram pontuais, o que é difícil conseguir-se, e interpretámos isto como desejo de chegar ao nosso país. Fazem parte do grupo o dr. Melo, Francisco Ferreira, Serafim, Bentes, Amaro, Azevedo, Moreira, Cardoso, Jesus Correia e nós. Despedimo-nos dos outros jogadores, ainda na cama dormindo a sono solto. Londres é uma cidade enorme e bela, com muita coisa que ver, mas verificámos que todos vão arrendo já de saudades de Lisboa...

A bordo do avião fizemos a viagem até Bordéus sem incidentes. Desta vez, a *steward* é uma rapariga alta e sólida, mas ninguém tenta chegar à fala com ela. Decididamente, os rapazes não estão hoje nos seus dias felizes!

Em Bordéus, ao meio dia e meia hora. No restaurante servem-nos ovos estrelados. Dizem-nos coisas da Selecção B: — Que os portugueses jogaram bem e fizeram figura. Comentando: — Se o jogo demora mais algum tempo, teriam conseguido anular a vantagem francesa do primeiro tempo.

Um francês diz-nos maravilhas de Albano. Chega mesmo a perguntar-nos: — Mas há melhor em Portugal do que o *grand petit*?

Estavam na pista, poisados tranquilamente, cinco aviões portugueses. Dois partem antes de nós, em sentido inverso. Pelo menos, assim nos parece. Encontramos alguns portugueses vindos de Portugal. Felicitam-nos vivamente, dizendo que o entusiasmo no nosso país devido à vitória fora enorme.

A pausa é apenas de 15 minutos, e de novo estamos no ar, sofrendo de aí a instantes, sobrevoando as serras, o trecho pior do percurso. O avião rebola-se um pouco, e, insensivelmente, todos mudamos de cor. Não se enoja. Bentes descobriu, segundo afirma, uma fórmula simples de não enjoar. Simples, de resto! Sentar-se obliquamente, pois o estômago, contraído, não sofre assim os efeitos dos balanços. Vai tirar, ao que parece, patente...

Sobrevoamos a fronteira de Portugal cerca das 16 e 30. Moreira inquiriu: — Porque fronteira entramos? Cardoso responde: — Por Vilar Formoso.

O certo é que já estamos em Portugal. Os últimos minutos são infundáveis. Nunca mais chegamos, pelos vistos. Ainda demos

duas voltas sobre o aeroporto. Por fim — chegámos.

Vimos à nossa volta caras satisfeitas e rostos amigos, todos radiantes. Na primeira fila dos que cumprimentam a equipa estão o sr. cor. coronel Sacramento Monteiro, professor André Navarro, drs. Facco Viana e Mário Monteiro. Mas havíamos de ter a grande alegria de vermos alguns dos componentes da equipa B, já chegados, com o sr. dr. Mário de Oliveira, João de Brito e Augusto Silva, o homem que, não estando em Dublin, ficou ligado à vitória sobre a Irlanda.

8 de Maio

Chegámos ao aeroporto cerca das 17 horas. Raul de Oliveira acompanha-nos. Já lá encontramos o sr. coronel Sacramento Monteiro, que representa oficialmente o sr. Ministro da Educação Nacional, drs. Facco Viana e Mário de Oliveira, e pessoas de família dos jogadores. Dizem-nos de aí a pouco que o avião já sobrevoa a Portela de Sacavém. Assim é, na verdade. O capitão António Cardoso que, no seu feito expansivo, chega bem disposto. A tormenta do avião já passou. Todos estão contentes de se encontrarem, enfim, em Lisboa: o maçagista Manuel Marques, Capela, Feliciano, Guilhar, Araújo, Travassos, Vasques e Rogério.

Os jogadores têm um belogesto! Amaro, em nome de todos, oferece ao capitão António Cardoso uma boneca para a sua encantadora netinha. Cardoso comove-se. Aqui acaba, com esta nota de ternura, tão pura e tão digna, o «Diário da Viagem à Irlanda».

O que os espanhóis nos ensinaram

Bem fundadas eram, inicialmente, as reservas que, no terminar a nossa crónica da passada semana, deixámos em suspenso antes de formular juízo definitivo sobre o valor da equipa do S. E. U. e, por extensão, sobre a classe geral do ruggi espanhol.

Viram-los, frente ao Benfica, recém-chegados da viagem demolidora e em exibição redozida, pela força das circunstâncias, de quase cinquenta por cento; dois dias depois, refletas as forças, deram muito mais agradável demonstração colectiva do jogo em frente da animosa representação do Instituto Superior de Agronomia.

Os estudantes portugueses foram derrotados por apreciável diferença de pontuação, mas é necessário reconhecer que para tal contribuiu em grande parte a sua insuficiente preparação física. Defenderam-se com grande energia durante o primeiro meio-tempo, conseguindo os espanhóis um único ensaio, mas a falta de treino e condições físicas possibilitadas à medida que os minutos passavam e consentiram, então, que a vantagem adversária se acentuasse.

No entanto, é de justiça dizer-se que a superioridade técnica do conjunto espanhol foi evidente desde o início do encontro: maior dinamismo, acção sincronizada de todos os elementos das diversas linhas, velocidade nos jogados

mais impressionante do que a velocidade individual.

Os universitários madrilenos mostraram duas verdades fundamentais, que parecem esquecidas em Portugal: logo que a bola vem às mãos de um jogador, toda a equipa se põe em movimento e os ataques eficientes são sempre colectivos. Isto quer dizer: esperar a pé firme pela passagem da bola, como faziam o médio de abertura e os três-quartos centro de Agronomia, equivaie a perder terreno nas ocasiões favoráveis e gerar por antecipação as oportunidades de ataque; o atacante portador da bola será sempre acompanhado na corrida pelo companheiro, nomeadamente os avançados, cujas acções ofensivas devem sempre desenvolver-se em bloco.

Outra deficiência evidente nos jogadores portugueses foi a ineluctável na placagem. Raiíssimas as vezes em que se atiraram às pernas do adversário; tentar deter um homem possante e bem lançado em corrida, abraçando-o pelo pescoço ou pelo tronco é fantasia. Uma sacudida e o caminho fica livre.

Admite-se ainda, em terreno duro como o do Campo Grande, alguma relactância na prisão das pernas; mas na relva da Tapadinha, até apetece.

A formação dos agrónomos prova ser, enquanto na posse dos seus recursos, o melhor sector da equipa; o tonador, contudo, tardava com frequência em baixar-se para o encixe das primeiras linhas. Sendo entalado, de pé, sem possibilidades de exercer as suas funções. Do facto, era ele o único culpado.

Deve honestamente reconhecer-se, em resumo, que o actual ruggi espanhol é superior ao português; a distância não será grande, dependente de pormenores fáceis de corrigir, mas é real.

A visita do S. E. U. foi atilíssima; como incentivo e como lição. Deu-nos o ponto, quando, por absoluto isolamento, tinham a rota perdida.

Merece felicitações o Benfica pelo seu empreendimento. Oxalá o entusiasmo não erreleça, os ensinamentos sejam aproveitados na correção técnica dos erros individuais e colectivos postos em evidência; e, sobretudo, esperemos que o contacto agora iniciado se mantenha com regularidade para que se não percam os benefícios colhidos.

Salazar Carreira

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00

Damos o seguir a palavra ao Juiz do Concurso, sr. José de Castro e Melo.

(Continua)

Iniciativas da «Stadium»

O Veredicto do II Concurso Internacional de Problemas (I)

Porque só muito tardiamente pôde ser divulgado nos países Além-Pireneus, o nosso II Torneio de Problemas limitou-se à participação de compositores de 3 nacionalidades: portugueses, espanhóis e brasileiros.

Eis, como preâmbulo, o relatório do director do Concurso, o nosso redactor da Secção de Xadrez, sr. Vasco Casimiro dos Santos:

«Cumprir-me assinalar o êxito deste Concurso, não tão absoluto como desejaríamos, dada a escassa restrição a problemistas da Península e Brasil; contudo, foi ainda assim muito apreciável, visto que se atingiu o objectivo principal: Um torneio reservado exclusivamente a principiantes e iniciados.

Estrearam-se os seguintes problemistas portugueses:

Alberto Louro Coriês, de Lisboa, Casimiro Martins e Fernando Paulo, de Póvoa de Varzim.

Ainda que lívessim apresentado problemas correctos, especialmente o primeiro compositor citado, mas, todavia, muito simples e versando temas já muito explorados, nenhum dos estreantes portugueses logrou distinção.

XADREZ

O número de originais recebidos foi de 29, assim distribuídos:

Espanha: 7 compositores, 15 problemas; Portugal: 5 compositores, 9 problemas; Brasil: 3 compositores, 5 problemas.

Todos os problemas foram enviados ao Juiz, sr. José de Castro e Melo — indiscutivelmente o mais categorizado problemista português — em diagramas uniformes, tendo como única referência os números de inscrição.

A lista era a seguinte: Vicente Sebastião Meils, Espanha (3 problemas); Juan Garcia Uemas, Espanha (3); A. S. Parreiros, Brasil (1); Jaime Cirer Ferraguti, Espanha (2); Francisco González Guilhe, Espanha (1); Máximo Borges Minho, Brasil (3); Casimiro Martins e Fernando M. Paulo, Portugal (3); J. Ventura, Espanha (1); Mário José Pinto Gomes, Portugal (3); Ricardo Cesenovas Soler, Espanha (3); Adolfo Gil, Espanha (2); Eng. Ceatano Belliboni, Brasil (1); Alberto Louro Coriês, Portugal (2); Reul Soares Nobre, Portugal (1).

Damos o seguir a palavra ao Juiz do Concurso, sr. José de Castro e Melo.

O futebol português à altura dos melhores

A sua vitória sobre a Irlanda dá esperanças contra a Inglaterra...

Madrid, Maio, especial para «Stadium», de RAMON MELCON

Portugal ganhou à Irlanda em futebol por 2-0. A notícia, seca, chegada a Madrid na tarde do encontro, foi o tema geral das conversas e comentários, apesar de ter o Atlético madrileño empatado apenas com o Castellón numa partida da Copa, e acabar de saber-se que o Madrid, à mesma hora, fora vencido pelo modestíssimo Betis por 4-0. Outros resultados, qual deles o mais inesperado e surpreendente, tinham-se registado na jornada daquele dia, tais como o empate entre o Valência e o Celta, e o do Oviedo com o Espanhol, além da estrepitosa derrota do Tarragona frente ao Santander.

Porém, apesar de tudo, falava-se quase mais do encontro de Dalymon Park, de Dublin, do que das coisas espanholas. Conforme chegavam detalhes da pugna, mais se apreciava a importância da vitória portuguesa, não somente produto de um par de acertos individuais, como ainda por pôr em destaque a firmeza, potencialidade e boa técnica do conjunto lusitano.

De ponta a ponta, o comando no campo irlandês foi dos portugueses. Sempre foram donos da situação, tanto quando atacavam, decididos, em busca do triunfo, como quando defendiam o resultado, uma vez conseguido, com uma energia e uma tática organizada magnificamente, que foi o assombro dos cronistas de Dublin, a julgar pelas declarações feitas.

Portugal conseguiu com este triunfo o seu duplo grande êxito da época. Primeiro foi a sua vitória contra a Espanha, de que fomos testemunhas e a que não opusemos o menor reparo, por haver sido conseguida em boa lide e depois da plena demonstração de uma superioridade que, naquele dia, ninguém podia discutir. Agora, conquistam, pela primeira vez, uma vitória no estrangeiro. Com estes triunfos, perderam os jogadores portugueses esse complexo de inferioridade que sentiam ao defrontar-se com os espanhóis, o que os impedia de dar todo o rendimento habitual nos seus partidos em campo estrangeiro.

Duplo e grande triunfo o de *nuestros hermanos!* Nós, os espanhóis, que sentimos como nossos os êxitos de Portugal, felicitamos os seus futebolistas por esta prova da sua classe extraordinária e do cuidado que souberam pôr na escolha e preparação da equipa que tão alto elevou o nome do seu país. Não importa que um desses

êxitos haja sido conseguido à custa dos espanhóis: Sabemos aqui aceitar os revezes com desportivismo e todavia sentindo qualquer contratempo que nos sobrevenha, temos a suficiente equanimidade para reconhecer a justiça das causas que o originam.

Mas não cuidamos unicamente de mostrar a nossa alegria pelo triunfo português de Dublin. O acontecimento sugere-nos um pouco mais. Em primeiro lugar, a admiração pela excelente, metódica e perfeita organização de quanto se relaciona com a preparação da equipa nacional portuguesa. Com uma tenacidade admirável, se levou a cabo o programa

traçado pelos dirigentes no sentido de atingir o seu melhor conjunto. Todos, dirigentes, jogadores, cronistas, e inclusivamente adeptos, cooperaram nele. Os primeiros, com a sua sabia direcção; Tavares da Silva com os seus ensinamentos e o seu acertado trabalho de selecção e treino; os jornalistas, pelo apoio que prestaram sem subterfúgios, e os adeptos, porque nunca perderam a fé e a confiança em seus jogadores. E estes, pelo entusiasmo que puseram na peleja.

O êxito é, pois, de todos. E o futebol português pode sentir-se orgulhoso por nada ter falhado. E quando se fale do progresso do

popular desporto em Portugal, quando se comente elogiosamente o salto gigantesco destes últimos anos, não haverá distinções para ninguém. São o génio e a tenacidade lusitanos que, da mesma forma que em outras empresas de maior envergadura, souberam levantar deste modo o nível do seu futebol. Para o futuro, Portugal poderá tratar por tu a qualquer país que se preze de jogar bom futebol. E tentará certamente conquistar novas vitórias, como a do próximo encontro com a Inglaterra, que seria um florão magnífico na coroa de lauréis que se há tecido no decurso de uma temporada de magníficos êxitos.

Ante o Campeonato Mundial de oquei em patins

Afirmações do vice-secretário da Federação Espanhola

Já designou Espanha a equipa que formará a sua representação oficial no campeonato do mundo de oquei em patins. Pela primeira vez num torneio desta categoria, os homens do oquei hispanos medirão as suas forças com as melhores equipas de outros países. É em Portugal, a terra irmã, donde terão oportunidade de fazer as suas primeiras armas internacionais.

— O enseio de Montreux — disse-nos Paulino Martín, vice-secretário da Federação Espanhola de Oquei e Patinagem — valeu-nos muito. Os ensinamentos adquiridos com a participação do Espanhol (de Barcelona) serviram para que a nossa selecção nacional possa deslocar-se a Lisboa com a garantia de desempenhar um bom papel.

— Tendemos esperanças de melhorar a classificação obtida em Montreux?

— Sim. Sabemos que vamos ter adversários de muita classe. Conhecemos a enorme potencialidade do grupo português, que assombrou a todos na Suíça, e vemos nele um provável campeão do Mundo. Também os ingleses, velhos mestres deste desporto, serão temíveis adversários. O mesmo relativamente aos Italianos. Mas confiamos em que a Espanha alcançará um lugar melhor do que o obtido em Montreux.

— Em que fundas o teu optimismo?

— Na melhor preparação do conjunto. Este será formado, quase na sua totalidade, pelos homens



Paulino Martín, vice-secretário da Federação Espanhola de Oquei e Patinagem

que jogarem na Suíça. Irão os mesmos, e mais dois jogadores em que temos grandes esperanças. Intensificaram-se os encontros de preparação, e conseguiu-se melhor coesão entre os nossos jogadores. Além de tudo, o ambiente ser-nos-á muito mais favorável, pois não devemos esquecer que jogaremos em Portugal, o que quer dizer que estaremos em nossa casa.

— Quando sairá a equipa para Lisboa?

No dia 15, de avião. Pretende-se

que os jogadores cheguem descansados, e fim de que disputem o campeonato nas melhores condições físicas. Assim, e com maior tranquilidade que em Montreux, pois se perdeu o medo que se tem sempre quando se pisava pela primeira vez um campo internacional, creio que faremos um papel honroso e quem sabe se brilhante.

— Quem são os dirigentes que acompanham a equipa?

— O presidente da Federação, Juan Manuel Sáinz de los Terreros, e eu. Levamos connosco também um médico, um preparador de cultura física e todo o pessoal auxiliar necessário ao bom rendimento da equipa.

— A lista dos seleccionados?

— Nadal, do Espanhol, Rubio (Espanhol), Serra (Gerona), Trias (Espanhol), Mas (Espanhol). Como suplentes, Caula, guarda-redes (Gerona), Basso (Patin), Gollens (Espanhol) e Humet (Sardenha).

— Tens alguma coisa mais a dizer-nos?

— Que a Federação Espanhola aprecia, como é justo, o esforço ingente da portuguesa em montar um campeonato desta importância, e que lhe auguramos um grande e definitivo êxito. E, como detalhe curioso, que os jogadores espanhóis vestirão o uniforme de cor vermelha, aquele que em tantas tardes de triunfo envolveu os nossos futebolistas internacionais — que os homens do oquei querem imitar.

R. M.



Bravo e Calado, aquele mais directamente, tornam ditadi a vida do guarda-redes francês, que, aliás, realizou um trabalho brilhante. Veja-se a forma dos franceses marcarem o adversário...



Pacheco e Canário entram em acção, e deste lance resultará uma contra-ofensiva bem organizada dos portugueses

**A Seleção "B" de PORTUGAL
escreveu em BORDEUS
UMA PÁGINA BRILHANTE**



Um salto de Barrigana — parando magnificamente uma bola alta. Canário. Jacinto e outros jogadores rodeiam-no

A JUVENTUDE FAZ DESPORTO

ONDE OS MONGES ORAVAM

Por DOUGLAS LIVERSIDGE

Exclusivo para «Stadium»

A Abadia de Bisham, no Berkshire, onde no Século XII viveram os Cavaleiros Templários, é hoje um Centro Nacional de Jogos, onde os «ases» dos desportos treinam operários e empregados de escritórios, numa grande variedade de jogos e em atletismo. Depois da visita a Bisham de especialistas franceses, os desportistas britânicos, rapazes e raparigas, devem visitar Estrasburgo em Abril, e é de esperar que no futuro próximo continue esta troca de visitas internacionais.

Há quase 800 anos, os claustrados da Abadia de Bisham, em Berkshire, ressoavam com o murmúrio das preces dos monges guerreiros; hoje, ouvem-se ali as manifestações de júbilo da juventude britânica.

Primitivamente sede dos Cavaleiros Templários — a grande ordem militar do Século XII, que protegia os peregrinos que se dirigiam em grande número à Terra Santa depois da primeira Cruzada — o histórico edifício de Bisham foi testemunha de muitos acontecimentos estranhos.

Algumas das pessoas que ali viveram, comprometidas pela intriga e pelas lutas políticas, foram levadas à forca. Ali viveu em paz e tranquilamente Ana de Cleves, uma das esposas repudiadas de Henrique VIII.

Agora, a velha Abadia teve um destino completamente diferente. Transformou-se no Centro Nacional de Jogos do Conselho Central de Exercícios Físicos, tendo sido cedida ao Conselho pela sua proprietária, a Senhora Vansittart Neale, em memória dos seus dois sobrinhos mortos na guerra.

Os amantes dos desportos, entre as idades de 16 e 35 anos, beneficiam desse generoso gesto. Por uma modesta quantia semanal, centenas de operários e empregados de escritórios — na realidade pessoas de todas as profissões — obtêm ali orientação técnica nos seus desportos preferidos. Algumas empresas pagam a permanência dos seus empregados durante essas férias de treino.

Ases do desporto são instrutores

Sydney Wooderson, «ás» das corridas pedestres da Grã-Bretanha, e os «ases» de ténis, Kay Stanners e Peggy Scriven, são os três eminentes instrutores que fazem parte do grupo de mestres durante este ano em Bisham.

Para as suas actividades normais, o Conselho, entre cujos membros figuram organismos tais como a Associação de Futebol e o Marylebone Cricket Clube — (o órgão dirigente do cricket) — tem uns certos privilégios do Governo; mas como Bisham é por enquanto uma experiência, não tem auxílio do Estado. A manutenção é custeada principalmente por contribuições voluntárias.

O êxito parece assegurado: atraídos pela novidade de se di-

vertirem, de viver e dormir numa atmosfera que é negada à maior parte das pessoas, os entusiastas dos desportos, de todas as partes da Grã-Bretanha, pedem alojamento ali, porque Bisham oferece grandes atractivos: — o ambiente contribui para a educação dos visitantes.

Jantar na Grande Sala dos Cavaleiros, de cujas paredes pendem tapeçarias flamengas do Século XVI e os estandartes do Batalhão de defesa local, o qual foi criado quando Napoleão ameaçou a Inglaterra; escrever na sala de estilo jacobiano, com as paredes forradas de papel francês de há cem anos; e viver entre a magnificência da arte gótica e das épocas da Rainha Isabel e de Jacob, deixam uma impressão perdurável.

Visitantes estrangeiros

Evidentemente, o objectivo do Conselho é estimular o interesse na preparação física. Remar no Tamisa vizinho, esgrimir, fazer ciclismo, dançar e praticar atletismo são apenas algumas das suas muitas actividades.

Bisham, hoje, não é só conhecida na Grã-Bretanha; já despertou interesse no estrangeiro. Recentemente, como hóspedes do Conselho Central de Exercícios Físicos e do «British Council», vieram a Bisham, a fim de estudarem os métodos britânicos de exercícios físicos, 30 médicos franceses e especialistas de desportos, chefiados pelo Dr. Jean Martin, um conhecido cirurgião de Paris.

Em consequência dessa visita, foram já introduzidos em França alguns métodos ingleses de treino. Retribuindo esta gentileza, o Ministério francês da Educação convidou 48 desportistas britânicos a fazerem uma visita semelhante a Estrasburgo, ainda este mês.

A tarefa destes «embaixadores» reflecte um aspecto geral da vida britânica; porque entre eles figuram professores e mineiros, condutores de autocarros e polícias, engenheiros e operários de fábricas...

Sem dúvida, outros visitantes estrangeiros virão a Bisham em ocasião oportuna. O Conselho Central de Exercícios Físicos está estreitando os laços com o Império e outros países para a permuta de desportistas e de informações desportivas.



Os antigos cavaleiros da Ordem dos Templários, construíram, na Inglaterra, a Abadia de Bisham, em Marlow (Berkshire), no começo do Século XII, que foi agora cedida por Miss P. Vansittart Neale ao Conselho Central de Educação Física de Recreio, para centro recreativo nacional. Centenas de jovens dos dois sexos entre 16 e 35 anos de idade, passam ali os seus fins de semana e dias de férias recebendo conselhos e alvitres de «estrelas» tão famosas como Sydney Wooderson, Kay Stanners e Peggy Scriven — outrora «ases» na corrida pedestre e no jogo de ténis.



O rio Tamisa, no Verão, convida os amadores do remo a praticar este desporto sob o frondoso arvoredado das margens. Eis aqui três raparigas preparando o barco onde irão gozar as delícias do fresco e da paisagem.



António de Almeida finaliza a 1/2 hora de corrida, em que estabeleceu o recorde nacional; ao lado, o dr. Salazar Carreira espera que soe o tiro indicativo dos 30 minutos para deixar cair o martelo indicando o ponto atingido

(Continuação)

Fundada a Federação Portuguesa de Sports Atléticos, possui esta entidade a organização, desde 1922, os campeonatos regionais e nacionais, inaugurando a nova fase do atletismo em pista, com a regularidade das suas provas de 10.000 metros.

O primeiro campeão regional foi Gonçalo da Cruz (V. J.), em 35 m. 46,2 s., batendo o favorito Cecílio Costa por 33,4 s.

No campeonato nacional surgiu uma nova revelação, um corredor paradoxal, Domingos Jorge, que conseguiu vencer em 35 m. 5,8 s., novo recorde português, impondo andamento tal que todos os competidores abandonaram a luta antes do fim do percurso. Jorge manteve nas suas provas andamento característico, em análise de todas as noções técnicas de estilo, com passo excessivamente curto, movimento de braços incompreensível, mas excepcional rapidez de movimento das pernas e resistência física sem limites. Foi uma das mais curiosas figuras que têm pisado pistas portuguesas.

Os campeonatos de 10.000 m., disputados em 1923, tiveram ambos resultados inesperados.

No Regional era considerado de novo favorito o sportingista Cecílio Costa, mas, com passo geral, foi ele batido por um novo, embora no péssimo tempo de 36 m. 43,4 s. O vencedor, Joaquim Barata, uma das mais pitorescas figuras da especialidade, muito alto, multíssimo magro, correndo em passitos curtos, quase sem trabalho das coxas, mostrou-lhe nítida superioridade que foi desde logo elevado ao pedestal de provável campeão nacional.

Sucedeu, porém, que Cecílio Costa, compreendendo a necessidade de evitar nova surpresa, lançou desde início a marcha, por forma que todos os adversários do Vendedores de Jornais sucessiva-

mente cederam e abandonaram, incluso Barata, que, a meia distância, caiu extenuado na pista, sendo preciso tirá-lo em braços. O tempo de Cecílio foi 35 m. 54,2 s. e, além dele, apenas o companheiro de clube,

Comentários

Situações irregulares

O incremento e o progresso técnico de alguns novos jogos desportivos despertaram nos seus dirigentes e praticantes a lógica aspiração ao baptismo internacional. Anseio de mais vastos horizontes, desejo de ajuizar o alcance das possibilidades adquiridas.

Para a valorização geral do desporto português, todos estes planos de alargamento da esfera de acção das nossas competições se revestem de grande importância, merecendo aplauso, ajuda e colaboração.

Nenhuma melhor argumentação em favor desta tese de estímulo ao desenvolvimento das modalidades consideradas secundárias pela opinião pública, do que o recente e prestigioso triunfo alcançado em Montreux pelos ouquistas sobre palins portugueses. O que com este jogo se passou, mercê do espírito empreendedor dos seus dirigentes — que colheram ao cabo de largos anos o justo prémio do seu esforço persistente, — pode muito bem repetir-se com qualquer outro ramo desportivo.

Todas as experiências de com-

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VII — Os 10.000 metros e as provas de fundo

David Bernades, concluiu o percurso, com dois minutos de diferença.

Em 1924 disputou-se pela primeira vez a prova no campeonato do Norte, vencendo Manuel França, enquanto, em Lisboa, Cecílio Costa manteve a sua posição, ganhando o regional em 35 m. 41,6 s. e o nacional em 35 m. 37,2 s.

O ano de 1925 trouxe-nos um homem que, durante oito anos de atletismo, não conhece a derrota em provas de fundo longo: António de Almeida.

Participando em todas as provas a partir dos 1.500 m., de cujo recorde foi detentor, e até aos 10 quilómetros, cujo recorde só há dois anos perdeu, este rapaz afirmou sempre um valor e uma regularidade notáveis. Dotado de passada naturalmente ampla, de estilo correcto por instinto, António de Almeida pode ser considerado como um dos melhores pedestrianistas portugueses, em valor absoluto.

A primeira prova foi logo prova de mestre; correndo o campeonato nacional, não se contentou vencer-

do, pois derrubou também o recorde português dos 10.000 m., fixando-o em 33 m. 29 s., ou seja menos 1 m. 37 s. do que o existente.

No Porto, onde sempre os corredores de fundo foram muito inferiores aos lisboetas, o campeonato regional foi ganho por Adelino de Sousa, Gondomar, em 36 m. 55,2 s.

Melhorando de forma, na plena posse dos seus excepcionais meios físicos, Almeida não se contentou, nos anos seguintes, de vencer, aproveitando as ocasiões favoráveis para baixar os seus tempos.

No Regional de 1926 conseguiu 33 m. 15 s., batendo largamente todos os competidores; no Nacional fez pior prova, gastando 34 m. 43,6 s.

O campeão do Porto foi, nesse ano, Manuel da Silva Pinto, com 39 m. 47 s., o qual veio a ser terceiro no Nacional, precedido ainda pelo segundo homem de Lisboa, Domingos Jorge.

Salazar Carreira

(Continua)

versia dentro do conceito teórico, desde que o desporto seja aceite e compreendido nas normas ideológicas de uma actividade física animada por preceitos morais, sujeita às regras da disciplina voluntária e, por seu intermédio, dominando paixões e suscitando exageros desvirtuantes.

Sucede, às vezes, infelizmente, que a realidade dos factos não corresponde às suposições doutrinárias; o que em nada infere a veracidade da doutrina, mas prova à evidência que os homens, seus intérpretes, não são naturalmente perfeitos e é necessário um esforço educativo para corrigir os impulsos condenáveis da natureza.

Todas estas considerações vêm a propósito de uma notícia há dias lida nos jornais: no campeonato da Europa de basquetebol, em disputa em Praga, o encontro Itália-Egipto (não conseguimos ainda aperceber o que faz o Egipto num campeonato europeu) decorreu em tal ambiente de excitação que os italianos tiveram 10 jogadores magoados e os egípcios quatro! Uma verdadeira batalha.

Culpa do desporto? Não, culpa de quem o pratica sem desportivismo, sem a prévia educação ou mal orientado por dirigentes que, perigosamente, na hora da competição, apontam como único objectivo, indispensável de atingir seja como for, a vitória.

Fazer desporto, tanto é ganhar como perder; é, até, por vezes, mais saber perder do que ganhar.

petição internacional, depois de prestadas provas cabais de carácter nacional, são, portanto, de aprovar. Para isso, porém, é indispensável que os nossos organismos federativos cuidem de regularizar a sua situação dentro da entidade internacional regente do seu desporto.

Nenhuma modalidade pode pretender competir além fronteiras sem prévia filiação na entidade confederativa internacional; fora dela, encontra-se em situação irregular, susceptível de criar dificuldades a quaisquer propósitos de competição com seleções estrangeiras.

E' preciso começar pelo princípio, e dentro das normas da lei.

Fraternidade desportiva

Quando se apregoam as vantagens sociais da prática desportiva, nunca se omite referência à acção que ela exerce sobre o estreitamento de relações amistosas entre os competidores, tanto entre os camaradas de equipa como entre os adversários.

Tese insusceptível de contro-



Patalino, um dos grandes deste encontro, carrega na sua maneira energética e combativa, mas o guarda-redes francês antecipou-se e recolheu o passe do seu companheiro



Uma fase movimentada junto das balizas portuguesas. Toda a dianteira francesa está ao ataque, mas os nossos jogadores lutam com vontade e entusiasmo, opondo-se à invasão

As jornadas de DUBLIN e de BORDEUS



O maire de Bordeus cumprimenta efusivamente os jogadores portugueses. O dr. Mário de Oliveira acompanha o acto



O Lord Mayor de Dublin recebe a comitiva portuguesa na Municipal, pronunciando um discurso carinhoso relativamente ao nosso país que o sr. eng. Mascarenhas de Menezes agradece, com apuro e elegância. Vemos nesta fotografia, da esquerda para a direita, Travassos, Peyroteo, Gullhar, um dirigente irlandês, capitão António Cardoso, eng. Mascarenhas de Menezes, o Lord Mayor, o presidente da Federação da Irlanda, e o tesoureiro desse Organismo, dr. José de Melo e Araújo



Amazo e Cardoso, amigos inseparáveis, fazem um pouco de cinema... Pela prova apresentada verifica-se que, qualquer deles, tem uma irresistível vocação!



F. C. Porto - Académica

Aristides desvia uma bola que Freitas pretendia rematar com a cabeça.

Em cima: Araújo bate dois adversários com um «dribling» da sua marca.



Olhanense - Vitória (G.)

O ataque vimaranense não consegue, nesta fase, desmantelar a defesa algarvia. Grazina e Rodrigues aplicam-se com energia.

Ao lado: Outra avançada do Vitória, conduzida por Teixeira.

MOSAICOS

nortenhos...

PARABÉNS ao seleccionador e ao grupo representativo de Portugal contra a Irlanda e contra a França. Assim se responde, na verdade, aos detractores de vários nomes e às pessoas que procuram embarçar a acção de quem se dedica inteiramente ao prestígio do nosso futebol.

Conhecemos alguns, portugueses, que nem sabem o que desejam: se perder, para dizer mal à vontade, se ganhar. Quando isto acontece — o adversário não presta... São de opereta!

♦ ARAÚJO foi particularmente saudado, quando se tornou conhecida a notícia do seu «goal». O interior direito do F. C. do Porto gosta de «meter a colherada», como se diz por cá. Oxalá tome gosto e merque de novo, contra a Inglaterra...

♦ PACHECO agradeu muitíssimo, segundo se diz, contra a França B. O médio do Académico, que já passou por outros clubes, sem aproveitamento, tem de facto muito futuro — tendo-o descoberto também o seleccionador nacional.

Claro que não faltam «moscas» em volta do rapaz. Está aqui está fora da cidade! Pelo menos é o que se diz...

♦ MAS, em contra-partida, virá para o Porto gente nova. As notícias e os boatos fervejam nesse sentido. Uns — para eliminar as possibilidades de transferência: outros — para dar notícias «sensacionais». Se ceihar, por isso mesmo, tudo ficará em águas de bacalhau.

O clube que mais tem trabalhado nesse sentido, o Académico, conta com muita gente. E, se for assim, ficará com uma bela equipa, sem dúvida alguma. Mas até o levar dos céus...

♦ UM bravo aos juniores do F. C. do Porto e da Académica: Os jovens do Porto e de Coimbra cumpriram admiravelmente com o seu dever, e só ao fim de 3.^o jogo resolveram o seu problema.

Muito bem. Multíssimo bem, mesmo. Os dois grupos cumpriram com os seus deveres — repete-se. Fica esse consolo para o vencido.

♦ NÃO percebemos: Berrigana jogou bem ou jogou mal? Segundo uns, muitíssimo bem. Segundo outros — bastante infeliz. Recomendamos ao guarda-redes do F. C. do Porto, entretanto, que seja forte e trabalhe. Não atingiu ainda a ver-

Eleições na «Apa»

A Associação Portuense de Atletismo elegeu há dias os seus corpos gerentes, legalizando assim uma situação que não tinha nada de normal nem de criteriosa.

Os novos directores do organismo portuense, elementos sabedores e capazes de bem conduzir os assuntos que lhes estão entregues, vão concertar-se para trabalhar na presente época — do que bastante precisa o atletismo nortenho.

Estaremos esta época em presença de competições importantes, entre as quais avulta o encontro Portugal-Espanha, que se julga será marcado para o Estádio do Lima. Logo, torna-se necessário que a «Apa» se não descuide com este e outros casos.

Por certo acontecerá assim. E por certo se eliminarão alguns atritos do passado, atritos que conduziram a um estado de abandono lamentável. O atletismo portuense tem necessidade de progredir, precisa indiscutivelmente de progredir. Mas só acontecerá assim se os novos directores trabalharem devotadamente.

Disso são capazes. Os nomes escolhidos são garantia segura de uma época feliz. Assim o desejamos.

dade perfeita. E, se for possível, ganhe mais nervos.

♦ IMPRESSIONOU bem o resultado de Bordéus. A equipa deu boa conta de si, contra uma França forte e na frente de um público que vibrava.

E agora nos parece excelente o critério usado. A selecção foi composta por um grupo que tinha novos e alguns velhos, mas o inquérito destes era aceitável. Para actuar num campo estrangeiro e ter pela frente uma equipa de boa classe, não podia pensar-se muito em gente pouco experimentada.

♦ NÃO quer isto dizer, por certo, que o pouco e pouco se não faça uma autêntica equipa de «novos». Pela primeira vez e fora do país, não era lá muito aconselhável. Vimos assim este caso. E não só nós. Cá no Porto, também muitos desportistas estão de acordo com este pensamento. E concordam em aceitar o resultado de Bordéus como excelente.

♦ ALVISSAREIROS vários anunciam que o F. C. do Porto irá para uma Comissão Administrativa. Porquê? Então os elementos que compõem a Direcção do F. C. do Porto não têm capacidade para levar a cruz ao calvário? Não estamos em presença de rapazes sãos, dedicados à velha colectividade? Que crime praticaram?

Muito cuidado, meus senhores, com as Comissões Administrativas. Uma houve, há anos, que ficou célebre na colectividade. E, se procurarmos bem, talvez a gente

encontre algumas pessoas da actualidade envolvidas no estado de coisas que a criou... Vejam bem os antigos do clube...

De resto, o que falta ao actual elenco do F. C. do Porto sabemos-lo bem: A propaganda do outro lado asfixia terrivelmente. É tão constante e severa, que não deixa margem a dúvidas. Cautela, muita cautela!

♦ FORMIDAVEL, estupendo, brilhante são termos que nos batem constantemente nos olhos. São termos que alguns críticos não temem apresentar em público, principalmente quando pretendem impor determinados nomes aos seleccionadores nacionais. No futebol como em qualquer modalidade. Não há melos termos. É tudo fantástico, único, inimitável...

Se houvesse um pouco de raciocínio nos elogios, não seria nada mau. Evitavam-nos o riso... amarelo.

♦ FERNANDO MOREIRA DE SA, ainda «iniciado» no ano findo, correu este ano pela primeira vez em provas oficiais. Revelou imediatamente excelentes qualidades, logo em categoria superior — amadores-seniores. Ganhou o campeonato do Porto e foi a Lisboa triunfar no campeonato nacional, sem conhecer o percurso e os próprios adversários.

Fernando Moreira de Sá não se aventurou, claro, seguindo sempre o pelotão da frente. E quando lhe disseram que estava na Calçada de Carriche — pedalou para o meta. Merece parabéns.



Vitor Augusto da Veiga Guilhar, capitão da equipa do Futebol Clube do Porto, já internacional, foi a Dublin como suplente. Pode ter feito o pateto por faltar ao seleccionador qualquer outro elemento. Mas, em boa verdade, Vitor Guilhar mereceu a honra de ir à Irlanda.

Não vamos aqui discutir valores nem afirmar que o capitão da equipa do F. C. do Porto é melhor ou pior que os jogadores seus adversários e concorrentes. O que importa afirmar, por ser verdade, é que o Vitor Augusto, verdadeiro empenhamento de desportista, correcto em todas as suas acções, está em forma excelente e seria capaz de preencher o lugar se tanto fosse necessário.

Tratando-se de um elemento ponderado e distinto, não costume o simpático azul-branco fazer propaganda das suas qualidades e nem surgir atrevidamente no lugar alheio.

Entretanto, o seu reconhecido valor, ainda esta época posto em realce pela imprensa, talvez lhe justificasse a altitude. Vitor Guilhar sente que está no futebol, graças à simpatia que tem pela modalidade, e deixa aos estranhos o julgamento definitivo ao seu trabalho. Não é com ele. Vivendo um pouco à distância, bastante fora dos «grupos» e tertúlias de café, cumpre disciplinadamente com as suas obrigações — e retira-se para o seu lar ou entrega-se aos seus serviços profissionais logo que terminem os desafios em que toma parte.

Quando se lhe fala em questões de futebol, Vitor Guilhar diz imediatamente:

— Eu vou aos treinos e os jogos como é minha obrigação. O resto já não é comigo. Procuo cumprir, jogando o melhor possível. Falar por falar, não me agrada nem é da minha competência.

— Gostou de ir à Irlanda? — perguntámos-lhe ao chegar ao Porto. — Muito. Lamento apenas o facto de ter ido nesta altura. Mas o seleccionador chamou-me e eu sou um soldado com o culto de disciplina.

É assim Vitor Guilhar. Um rapaz que vimos vestir, menino e moço, a camisola do Infantil do F. C. do Porto, já lá vão muitos anos, e agora conduz dedicadamente a equipa de honra como seu capitão.

Fernando Sá do F. C. do Porto

e Duarte Patrício, do Campo de Ourique

campeões nacionais de seniores e juniores

A Federação Portuguesa de Ciclismo fez disputar, no domingo passado, dois campeonatos nacionais: seniores e juniores. Ambos tiveram representação de clubes de Lisboa e Porto.

Os dois títulos ficaram bem divididos: um para o Porto, o de seniores (Fernando Sá, do F. C. do Porto); outro para Lisboa, o de juniores (Duarte Patrício, do Campo de Ourique).

Mas, estabelecendo um paralelo, verifica-se que o Porto afirma superioridade de conjunto. Assim, teve três homens nos primeiros cinco de seniores e três nos seis únicos chegados de juniores (2.º, 3.º e 6.º).

Já na época passada os ciclistas do Porto se haviam evidenciado, conquistando todos os títulos de fundo (estrada).

Interessa ao ciclismo que tal situação. A emulação norte-sul é tão necessária à modalidade como a rivalidade tradicional Benfica-Sporting.

Se em juniores a vitória do jovem Duarte Patrício — o Campo de Ourique está a recolher os frutos do seu regresso ao ciclismo — «mata» o comportamento dos dois portuenses que o seguiram e a todos os seus ataques responderam com a propósitos e energia, em seniores deve estranhar-se a classificação de Maximiano Rola e Manuel Gonçalves, já que Serafim Paulo, vítima de uma queda desastrosa, se limitou corajosamente a terminar a prova. Daquelles dois, só Gonçalves tentou uma fuga, a sério, na subida de Caneças. Chegou a ter-se a impressão de que ela seria coroada de êxito, mas em Óbidos, depois da descida, estava o pelotão reagrapado.

Até então, e desde a Ericeira, a corrida foi muito lenta. Tão lenta que Manuel Espadinha pôde recuperar 7 minutos de atraso que tinha na Malveira e Rafael Correia 4 minutos que perdera da Malveira a Malra. Pior ainda: Espadinha, depois de recolar, teve mais duas aversões quase seguidas, perto do Laurel, e em Belas já estava no pelotão. Ai se ficou então, novamente acidentado.

Estes pormenores dão ideia da passividade do pelotão, compreensível quanto aos corredores do Porto, desconhecedores do percurso e dos adversários, incompreensível quanto aos outros principalmente quanto a Rola e Gonçalves. As provas de ambos aos 160 quilómetros da Associação do Sul permitem dar-se-lhes amplo favoritismo. Pode dizer-se que eles não sabem o que valem os rapazes portuenses. Mas que fizeram eles para os experimentar?

As consequências da falta de luta estão à vista: em 162 quilómetros a média foi de 29,480. Carriche decidiu a prova... aí foi Fernando Sá o melhor,

acabando a corrida com astoridade e brilho.

Classificação dos seis primeiros:

- 1.º Fernando Sá, F. C. do Porto, 5 h. 30 m. 17 s.
- 2.º Rafael Correia, Campo de Ourique, 5 h. 30 m. 33 s.;
- 3.º Manuel Dias Rocha, Académico;
- 4.º Maximiano Rola, Lisgois;
- 5.º Joaquim Mendes, F. C. do Porto, no mesmo tempo do 2.º;
- 6.º Manuel Gonçalves, Benfica, 5 h. 30 m. 54 s.

O tempo dos juniores também não é famoso, correspondendo à média de 29,224 (102 quilómetros). Mas talvez possa considerar-se o percurso da Ericeira demasiado duro para tão jovens corredores.

Duarte Patrício, campeão de Lisboa, ganhou bem. Foi incontestavelmente o melhor, comandando sempre a corrida e atacando várias vezes. Os adversários, porém, só cederam na arrancada final, no Carriche.

Classificação:

- 1.º Duarte Patrício, C. O., 3 h. 29 m. 25 s.
- 2.º Amílido Mata, F. C. do Porto, 3 h. 29 m. 40 s.;
- 3.º Porfírio da Conceição, F. C. do Porto, 3 h. 29 m. 56 s.;
- 4.º Manuel Catarino, Benfica, 3 h. 30 m. 20 s.;
- 5.º Vitor Ramalho, C. O., 3 h. 20 m. 24 s.;
- 6.º Moisés Maia, Académico, 3 h. 49 m. 36 s.

O ciclista do Académico esteve caído numa vala, perto de Belas, durante vinte minutos...

No domingo: campeonato nacional de independentes. Lisboa-Cereal-Caldas-Torres-Grândil-Malra-Malveira-Lisboa.

Manuel Mota

Campeonato Nacional de Juniores

Foi preciso jogar 3 encontros para se marcar um «goal»!

É este, mesmo, num pontapé de castigo, quando qualquer dos grupos mal tinha tomado fôlego...

Encontrado o caminho da baliza, o conjunto da Académica procurou segurar o resultado, o que fez com decisão, embora o F. C. do Porto se mostrasse sempre adversário digno.

Era natural que sucedesse assim ao terceiro jogo. O grupo que primeiro lizesse am tecto, após dois encontros a 0-0, sairia vencedor da partida.

Por certo o compreenderam ambos os grupos, de valor muito igual, talvez o F. C. do Porto am tudo-nada melhor no aspecto técnico. A superioridade dos estudantes deveria residir no sector defensivo, e muito especialmente no homem de baliza, Prates, que pôde ter correira da melhor.

A vitória da Zona Norte favoreceu a Académica. Como poderia ter favorecido o F. C. do Porto. Os dois agrupamentos

O 2.º Portugal-Espanha

disputa-se hoje em Madrid

Há mais de dez anos que Portugal não disputava qualquer encontro internacional, pelo que, esta noite, em Madrid, a exibição da nossa equipa poderá ter uma influência decisiva no futuro da modalidade. Se, como esperamos, os valorosos rapazes de camisola «grenat» corresponderem às necessidades do basquetebol nacional, a nossa cotação, além-fronteiras, sabirá e, cá dentro, lançá-los-emos nam trabalho de valorização, estimulados pela boa figura feita e desejosos de que esse prestígio não desapareça.

A nossa representação, entregue, sem dívida alguma, aos melhores praticantes dos três maiores centros do país, reúne a aprovação geral e mostra-se capaz de desempenhar, a contento, a espinhosa missão que lhe foi atribuída.

É certo que terá imensos escolhos a vencer, mas confiamos em que saiba ultrapassar esses obstáculos, para satisfação e orgulho de todos os desportistas portugueses.

A equipa, que partiu, anteontem, no «Lasitânia», é formada por dez elementos, todos eles estreantes em jogos entre nações, o que não admira, visto que, como lembrámos, Portugal esteve isolado dos restantes países, na última década.

Eis os nomes dos nossos «internacionais»:

Homero Reis — Do Sport Lisboa e Benfica. Um dos melhores jogadores portugueses de todos os tempos. Cérebro da sua equipa, é, na verdade, am valor extraordinário, não só pelos seus vastos conhecimentos de basquetebol, como pela sua inexecível correcção. Será o capitão do «cinco».

Julio Morais — Também do Benfica, onde forma com Homero o «duo» das imprescindíveis. Atleta voluntarioso, que nunca volta a cara ao perigo e joga sempre com inultrapassável energia.

Dr. Manuel Campos — A maior revelação do basquetebol nacional, na presente época. Calmo, de uma calma que chega a enervar, tem sido am dos sustentáculos da equipa do seu clube — o Benfica.

Carlos Fernandes — Do Desportivo da C. U. F., várias vezes seleccionado para o «cinco» de Lisboa. Submetido a uma preparação especial, está, presentemente, em boa forma física e técnica.

Luís Neves — Pertence ao C. F. Belenenses. É am dos melhores «lançadores» portugueses, jogando com inteligência e rara intuição.

Afonso Domingues — Um perfeito atleta, com vulgares condições para a prática da modalidade, dado o seu excepcional poder de elevação. Do Belenenses.

César Cardoso — O único representante de Coimbra, onde alinha pelo Sport. Anigo jogador do Vasco da Gama. Revelou-se neste clube e, há 3 anos, transitou para a Lusa-Atenas.

Nogueira Cardoso — Do Vasco da Gama e irmão de César. O elemento mais nestecado, entre os jogadores do Norte, com grande facilidade de adaptação, pois alinha, indiferentemente, à defesa ou ao ataque.

Dias Leite — Igualmente do Vasco da Gama. De pequena estatura, é bastante perigoso, sobretudo nos lançamentos longos, que executa sablamente.

Abílio Serafim — Bom jogador e, segundo julgamos, o melhor marcador do seu clube — o Vasco da Gama.

O seleccionador nacional **Dias Pereira**, também estreante, nestes lances, é Presidente da Comissão Central de Árbitros e jornalista muito distinto. Entre outros, desempenha já os cargos de secretário e tesoureiro da Federação. É, sobretudo, am das maiores dedicações do basquetebol português.

Monteiro Poças

Ano V — II Série — N.º 232
Lisboa, 14 de Maio de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, -3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAFIVA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Os Jogos de Lisboa



Belenenses-Vitória (S.) — Amaro, à esquerda faz uma passagem ao seu ataque, eliminando a oposição de dois setubalenses. À direita: Uma defesa de Baptista, que teve excelente trabalho



Atlético-Boavista

À esquerda: Marques domina um jogador do Boavista, em bom estilo. O pequeno alcantarense é ágil e rematador. À direita: Estão 3 jogadores à procura de uma bola que não se vê. As balizas é que não foram tocadas



Sporting-S. L. Elvas — À esquerda: O guarda elvense, embora sofrendo 9 bolas, defendeu com energia. À direita: Cardoso, apotado em Barrosa, que segue o lance, desfaz uma jogada de Rosário